



A pena e a prensa: ensaios acerca das Irmãs Melo

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**

94



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



A pena e a prensa: ensaios acerca das Irmãs Melo



- 94 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

A pena e a prensa: ensaios acerca das Irmãs Melo



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: A pena e a prensa: ensaios acerca das Irmãs Melo
- Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 94
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-036-4

CAPA: Retratos das Irmãs Melo – Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Luciana Coutinho Gepiak é doutora em Letras pela FURG (2022), mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e graduada em Letras – Português pela FURG (2000). É autora dos livros: *Do jovem poeta no Parthenon Literário ao místico Barão de Ergonte: dois estudos de caso sobre o escritor gaúcho Múcio Teixeira*; *Líricas satíricas: o texto poético nas páginas da Comédia Social; Imprensa e escrita feminina: Revocata Heloísa de Melo e o periodismo sul-riograndense* e *Escrita feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo - reconhecimento e produção bibliográfica*. Participou de três coautorias. É responsável pelo Setor de Literatura, vinculado à Secretaria de Município da Cultura, Esporte e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

SUMÁRIO

As Irmãs Melo e o abolicionismo / 11

Julieta e Revocata – *Violeta* e *Corimbo*: com a palavra as editoras / 27

As Irmãs Melo e o abolicionismo

Ao longo de suas carreiras, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro tiveram uma marcante ação como difusoras da literatura e da escrita feminina, a partir de suas atuações como escritoras e jornalistas. Nesse sentido, para além da criação literária, tais escritoras desempenharam plenamente o papel de intelectuais militantes, defendendo ardorosamente algumas bandeiras de luta¹. Elas se propuseram a ser promotoras culturais, buscando desenvolver a criação literária, notadamente nos jornais em que colaboraram e naqueles que editaram. Propugnaram pela causa da emancipação feminina, almejando um novo lugar social para a mulher por meio da educação. Sustentaram uma árdua batalha contra o regime autoritário que dominou o Rio Grande do Sul por diversas décadas, depois da instalação da República. Promoveram intensas campanhas a favor das populações pobres, com ênfase às mulheres desvalidas e sua prole. Além dessas, Revocata e Julieta foram também abolicionistas de primeira hora, e, para tanto, utilizaram-se da pena e da

¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 124, 150; BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 111.

prensa como verdadeiras armas de combate pela extinção da escravatura².

² A respeito da ação e da produção das Irmãs Melo, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1899, v. 5, p. 242-244; e 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 267, 272, 285, 294, 313 e 399.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 314 e 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 464 e 483.; KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 173 e 251.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 185 e 143.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362 e 375.; MELO, Luís Correia de. Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 83 e 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2. p. 143-146 e 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1967. p. 904 e 936-937.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319 e 892-902.; SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 308 e 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro &

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Na luta abolicionista “a imprensa seria um dos meios de propaganda prediletos”, desenvolvendo-se um “jornalismo antiescravista”, que denunciava “os excessos dos senhores contra seus escravos” e dissecava “os sofismas dos políticos”, agitando “a opinião pública”³. Por esse motivo, “a imprensa teve significativa função como elemento propagador das ideias e práticas abolicionistas” e “um dos pontos de crítica para com a escravidão centrava-se na asserção do anacronismo que esta instituição representava para um mundo denominado civilizado”⁴.

Nessa linha, os jornais consideravam que a abolição era “a vitória do novo sobre velho, do moderno em relação ao anacrônico”, de modo que defendê-la equivalia a “ser a favor do progresso e da civilização”⁵. Apesar dos tantos limites que ainda se antepunham à participação intelectual feminina, quando “as mulheres ousavam ter voz própria”, elas “utilizaram a escrita para criticar a escravidão”, lançando mão de “seu

Maurillo, 1918. p. 72.; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmann, 1956. p. 701-702.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313 e 325.

³ QUEIROZ, Suely R. Reis de. *A abolição da escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 55-56.

⁴ ALVES, Francisco das Neves. *A Luz*: uma folha abolicionista na cidade do Rio Grande. Rio Grande: FURG, 2002. p. 8-9.

⁵ COSTA, Emilia Viotti da. *A abolição*. 4.ed. São Paulo: Global, 1988. p. 63.

instrumento de trabalho - papel e tinta - nesta campanha”⁶.

Na cidade do Rio Grande, as relações escravistas também foram marcantes, com a presença de escravos trabalhando em vários setores, com destaque para o escravismo urbano, distribuído em diversos segmentos produtivos e no contexto do trabalho doméstico. Por meio das páginas do *Corimbo*, Revocata estimulou o ideário abolicionista, fosse na posição de editora, aceitando várias colaborações que defendiam a causa emancipacionista, fosse como redatora/jornalista, escrevendo matérias a favor do encerramento da escravidão, ou ainda a partir de atitudes práticas.

Desse modo, em 1884, ano decisivo para o avanço abolicionista no Brasil e no Rio Grande do Sul, já durante a circulação do *Corimbo*, mas referente a uma época da qual não há exemplares restantes, Revocata de Melo e Julieta Monteiro tiveram papel importante, ao lado de outras mulheres da cidade portuária, na qual organizaram “uma associação abolicionista formada por distintas jovens rio-grandenses”⁷. A imprensa destacava que, “com o nobre empenho de auxiliar o movimento abolicionista desta cidade, teve lugar na noite de 9 de dezembro uma reunião de senhoras” estabelecida a “favor da redenção dos cativos”⁸.

⁶ MOTT, Maria Lucia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988. p. 73.

⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE, Rio Grande, 14 dez. 1884, a. 37, n. 10.733, p. 2.

⁸ ARTISTA, Rio Grande, 12 dez. 1884, a. 23, n. 73, p. 2.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Além de noticiar, o jornalismo local manifestava o desejo de “que as dignas iniciadoras desse generoso empreendimento consigam os maiores resultados”. A primeira atividade da sociedade abolicionista foi a de pedir “o auxílio da imprensa, comércio, representação municipal, magistratura e, enfim, de todas as corporações e associações da comunhão rio-grandense” para a organização de uma quermesse, cujo “produto dos objetos ou prendas que possam ser obtidas” viesse a ser “destinado exclusivamente à emancipação dos escravos”. A importância da participação das irmãs Melo ficava caracterizada pela presença de ambas na diretoria da entidade, Revocata, como oradora, e Julieta, como tesoureira⁹.

Mais do que escrever sobre a abolição, por meio do *Corimbo*, Revocata de Melo proporcionou espaço para a propaganda emancipacionista, mas, ainda assim, também houve oportunidades em que se manifestou sobre o tema. Foi o caso do artigo “Abolicionismo”, no qual bem demonstrava sua ação militante a favor da causa:

A propaganda do abolicionismo que até certo ponto foi recebida em nosso país sob o estoico indiferentismo de uns e a má vontade de outros, a quem o erro fatal da mais condenável ambição de nossos antepassados, fez adotar o direito da usurpação da raça negra, consegue afinal transpor fortes barreiras, avassalar um sem número de ridículos e vergonhosos preconceitos, vencendo a cerrada fileira do partido escravagista, que de lança em riste parecia pedir a

⁹ ECO DO SUL, Rio Grande, 12 dez. 1884, a. 31, n. 283, p. 1.

guerra fratricida, pronta a mais desoladora hecatombe.

Hoje o abolicionismo, à semelhança da alterosa vaga que no alto-mar mostra-se sobranceira, cresce, espuma, ulula, levando de vencida a coragem e o inaudito poder da vontade do homem, anuncia a sua conquista indiferente a essa tremenda luta que serve de infeliz atestado de que, a razão e a consciência humana deixam-se subjugar pela voz da enganadora sereia de todos os tempos, a inglória ambição de uma posse incontestavelmente material - a do ouro!

Os adeptos desta abençoada causa é de certo que um só momento sequer hão manifestado fadiga; delineando com arte seu arrojado plano de combate em prol dos direitos desses infelizes proscritos das felicidades do lar e dos foros de cidadãos, tanto na tribuna como na imprensa se têm feito ouvir na fiel demonstração de que, os preceitos legados pelo homem redentor ensinam aos povos a igualdade e a união dos homens!

Poderosos têm sido, pois, esses elementos demandados pela vigorosa força das ideias convictas desse grupo humanitário e patriota para quem o futuro engrandecimento da Pátria seria uma utopia, sem que raiasse em seus largos horizontes a estrela da redenção dos cativos!

Esperemos, o abolicionismo desassombrado irrompe vastas veredas, e não se fará esperar o dia grandemente assinalado, em que a sua rubra bandeira flutue sobre o troféu das conquistas que honram e enobrecem este país.¹⁰

¹⁰ CORIMBO, Rio Grande, abr. 1887, a. 2, n. 21, p. 3-4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Na concepção de Revocata, “a extinção do elemento servil constitui uma aurora de prosperidade para o povo brasileiro”, de modo que “sua terminação deve e precisa ser encarada como a primeira das glorificações da pátria”. Para ela, “o povo, como o verdadeiro impulsor das causas benéficas à humanidade, precisa abrir o seu grande coração para abrigar aqueles a quem têm sido usurpado o direito de liberdade”, a qual seria “a maior riqueza do homem”. Na sua ideia, era “justo que nesta sublime e grandiosa luta, a mulher mostre-se ativa e em extremo dedicada, fazendo conhecer o valor que encerra para si o divino preceito da caridade”, vindo a compreender “essa igualdade há tantos séculos apontada pelo homem redentor”. Dessa maneira, sugeria que a mulher, “conforme suas forças intelectuais e monetárias, avance nesta sagrada romagem”, na qual “imperada um dever humanitário, patriota e nobre, não esquecendo as evoluções da época”, em que “a instrução propaga-se, levando o obscurantismo em batida derrota”. A escritora ainda defendia que “é incontestável que à mulher cumpre empenhar-se pela liberdade daquele a quem a escravidão, num cruciante poder, martiriza física e moralmente”, de forma que era “tempo de tolher o infamante curso de um poder bárbaro”, segundo o qual “existe o direito do homem sobre o homem”, devendo haver “o apelo em prol da liberdade”, que seria “digno de ser proferido e aceito pelo sexo sensível e frágil na matéria, porém, grande e corajoso no espírito”¹¹.

¹¹ CORIMBO, Rio Grande, ago.-set. 1887, a. 3, n. 25 e 26, p. 11-12.

Na virada de 1887 para 1888, exatamente o ano em que ocorreu a abolição da escravatura, Revocata diagnosticou que, “em breve, muito breve”, seriam desatados “os pesados laços que prendem uma infeliz turma de homens moços e anciãos, ao infamante poste da escravidão, ainda vergonhosamente levantado neste país que devia ser destinado às mais gloriosas tradições”. Segundo ela, essa mudança viria ao encontro das “evoluções do homem”, de maneira que o novo ano seria “o mesmo reformista e destruidor de seus antecessores”, como “fiel arremedo do passado” e “o temor e a esperança do presente”, vindo a constituir “mais tarde a saudosa época que se sumiu no profundo seio do século XIX”¹².

No texto intitulado “Castro Alves”, ainda que publicado depois da abolição, a partir de um caráter marcadamente pessoal, ao escrever na primeira pessoa do singular, Revocata de Melo não só saudava o poeta abolicionista, mas também ressaltava o seu valor como intelectual diante da causa:

Eu fui, sou e serei sempre grandemente entusiasta daqueles em quem reconheço superioridade de inteligência, altivez de sentimentos e convicção de ideias.

Para mim o homem de caráter variável, cujas opiniões não se consolidam, antes, seguem sempre ao impulso de uma vontade alheia, não é mais que um acanhado e obscuro espírito, uma alma pequena e servil, acessível a um só sentimento - o do egoísmo. A este nada deve a

¹² CORIMBO, Rio Grande, dez. 1887 - jan. 1888, a. 3, n. 29 e 30, p. 3-4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

sociedade; a Pátria o desconhece, e os homens guardam-lhe reserva e desconfiança.

Eis porque, repito, merece-me um devotado culto de admiração e a mais entranhada simpatia todo aquele que sabe unir a um talento alevantado, uma convicção inabalável, franca e abertamente exposta ao alcance das vistas de aliados e adversários. Castro Alves, o sublime gênio da poesia brasileira, era do número destes; imaginação repleta de luz e coração repleto de nobreza e sentimento.

Abstenho-me, porém, de tratar aqui do grande mérito poético do ilustre autor das *Espumas flutuantes*, a que prende-me um fanatismo já por vezes demonstrado ao público em alguns de meus humilíssimos escritos, visto que nestas linhas viu-se apenas a ideia de render-lhe homenagem pelo que de sublime e digno em alma e caráter, traduzi de seu poema *Os escravos*, onde ressalta o mais eloquente testemunho de amor pátrio e de repulsa pelos torpes iniciadores do tráfico infamante da raça negra, infelizmente protegido até nossos dias já inundados pela onda evolutiva das ideias civilizadoras.

É belo e enérgico o angustioso brado com que o distinto poeta lembra-nos que, ao mastro dos navios negreiros – vergonha nossa – flutuava a bandeira nacional. (...)

Castro Alves era abolicionista de coração, não pertencia à turma dos abolicionistas sem mérito, esses que arregimentaram-se aos verdadeiros heróis da sagrada causa da liberdade por mero espírito de imitação, servindo-se dos poderosos protestos de Joaquim Nabuco, Patrocínio, Lacerda e outros, porém, incapazes de fazer frente ao grupo adversário.

É claro que o glorioso baiano possuía apurados em extremo, caráter, coração e inteligência; sua carta dirigida em abril de 1871 às senhoras baianas, em favor desses míseros párias que imploravam redenção, documenta tudo quanto de grande se possa dizer em honra de seus brios de verdadeiro brasileiro e de homem convicto, esclarecido e sensível.¹³

O apoio ao ideal abolicionista foi bastante constante por parte de Revocata nas páginas do *Corimbo*, como foi o caso do texto intitulado “Cativeiro”, no qual aplaudia uma das medidas adotadas no Brasil, a Lei do Ventre Livre, que determinara “que ninguém mais nasce escravo na terra de Santa Cruz”. Para ela, já era tempo “de se abrir à nação os foros de grande e nobre”, ao compreender-se que a escravidão era “um perjúrio, um atentado contra Deus e a consciênci”¹⁴. A falta de exemplares disponíveis impede verificar a reação do periódico e de sua redatora frente à extinção da escravidão.

Além do papel exercido no clube abolicionista fundado no Rio Grande, Julieta de Melo Monteiro também se utilizou da criação literária para expressar a bandeira abolicionista, como foi o caso de suas liras poéticas¹⁵. Uma das incursões da escritora à questão da

¹³ CORIMBO, Rio Grande, ago.-set. 1888, a. 4, n. 34-35, p. 26-27.

¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, out. 1886, a. 2, n. 16, p. 12-13.

¹⁵ Trechos referentes à criação poética abolicionista citados a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Escrita feminina e militância abolicionista no Rio Grande do Sul: a poesia de Julieta de Melo Monteiro. In: ALVES, Francisco das Neves &

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

escravidão ocorreu nos versos que encerravam o soneto “Cena do lar”, o qual construía o cenário de um ambiente familiar, no qual parecia prevalecer uma certa alegria ou, ao menos, harmonia, na convivência entre a filha e seus pais, sem faltar até mesmo a figura do animal de estimação. Como em tantas outras composições da poetisa, o âmbito familiar era muitas vezes matizado a partir de uma idealização. Entretanto, a conclusão do poema mostrava um olhar que destoava do todo, pois, ao longe, visto através de uma janela e, portanto, apartado daquele conjunto de certo modo feliz, estava a imagem de um “pobre escravo”, sobrecarregado pelos exageros de seus trabalhos forçados, expressando suas tristezas e infortúnios por meio de uma melancólica canção:

A filha em frente do espelho
Prega uma flor nos cabelos,
Enquanto escuta um conselho
Do velho pai, seus desvelos.

A mãe prepara um vestido
De chita verde, lavrada,
Que numa mesa estendido
Tem quase a saia cortada.

No bastidor um bordado
Mostra um cãozinho brincando
Numa janela trepado:

TORRES, Luiz Henrique. *Retratos da escravidão no contexto sul-rio-grandense*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018. p. 111-114.

Um pobre escravo, cantando
Vem merencório e cansado
Pelo terreiro passando.¹⁶

Em outra composição, denominada “Cena do cativeiro”, a intelectual-jornalista agia mais diretamente como militante abolicionista, denunciando a enorme carga de injustiça que cercava o regime escravocrata. Tal como vários dos representantes da intelectualidade que agiram em prol do abolicionismo, Julieta intentava demonstrar o quanto absurda era aquela instituição que permitia a propriedade de um ser humano sobre outro, com direito de vida e morte sobre ele. A crítica se centrava nas práticas dos castigos físicos infligidos aos escravos, no caso a uma mulata, cujo “crime” teria sido atender o filho às portas da morte. A poetisa mostrava o escravista como um indivíduo irascível, sem nenhum tipo de comiseração, pois não cedera nem aos apelos da própria filha em favor da escrava. Ficava evidenciada a intenção da escritora em denunciar as exrecências da escravidão, caracterizada pela crueldade do senhor de escravos, chamado de verdugo e harpia. Por outro lado, Julieta lembrava que a escrava era um ser humano e, mais do que isso, uma “mulher-mãe”, que não poderia receber aquele tipo de tratamento:

O senhor com voz forte decretara
Que, em vista da demora havida fora,
A mulata (esse fardo que comprara)
Recebesse chicote a uma tal hora!

¹⁶ MONTEIRO, Julieta de Melo. *Oscilantes*. Pelotas: Livraria Universal, 1891. p. 53.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

A filha do verdugo, que descora
Ouvindo proferir sentença ignara,
Embalde pede ao pai, embalde implora
Compaixão para aquela que a criara:

A vítima a chorar – perdão – murmura,
– Senhor, fui ver meu filho que morria,
“Tende dó desta humilde criatura,

Nada move, porém, aquela harpia,
E a – mulher mãe – transida de amargura
Sofre o castigo vil no mesmo dia!¹⁷

Sob o título de “Anelo”, a poetisa criticava a instituição escravista, qualificando-a como um dos piores males que assolava sua terra natal. Ela demonstrava que seu anseio mais intenso, seu desejo mais ardente e, enfim, sua maior aspiração era ver o fim da escravidão. Seu pensamento se alinhava às teorias abolicionistas que consideravam o escravismo como um fator anacrônico que só trazia uma visão negativa para com o Brasil, denegrindo seus progressos a partir da continuidade daquela prática. Para a autora, a escravidão feria princípios básicos vinculados à humanidade e à civilização, de acordo com os padrões então vigentes, de modo que, reproduzindo os dizeres de muitos dos abolicionistas da época, a extinção dos princípios escravocratas não trariam apenas a libertação dos escravos, mas do país como um todo:

¹⁷ MONTEIRO, 1891, p. 119.

Do formoso pendão da nossa terra
Lave-se ao fim a nódoa denegrida,
E surja a liberdade apetecida,
Porém venha na paz, nunca na guerra.

Esse terror que nos mancha e nos aterra
Não deve perdurar, ter maior vida,
A turma dos que gemem, abatida
Pode o sol que a opressão de si desterra.

E o sol da liberdade já vem vindo,
De lauréis e de palmas circundado
Caminha, segue ovante, rubro, lindo.

Astro gentil, formoso, idolatrado,
Vem cobrir com teu manto grande, infindo,
O lutulento vulto do passado!¹⁸

Bem de acordo com o ideário liberal, que orientou suas ações de militância política e ideológica, Julieta Monteiro aplaudiria efusivamente a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, a qual promovia a extinção definitiva da instituição escravista no Brasil. Isso ocorreu através do soneto “Liberdade”, editado nas páginas de *Oscilantes*, no qual a escritora praticamente criava uma alegoria poética para registrar aquele momento histórico:

Entre lençóis de espuma vaporosa,
Ao som da Marselhesa sem rival,
Em manhã de verão, fresca e formosa,
Num peregrino berço de coral;

¹⁸ MONTEIRO, 1891, p. 122.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Quando o sol deslumbrante e soridente
Surgindo no seu carro majestoso,
Mirava a fronte em lago alvinitente
Onde brincava um cisne gracioso;

E a terra inteira ouvindo o alegre canto
Mais belo que o sonhar da mocidade,
Sentia em si suave e doce encanto;

De uma santa mulher, a – Caridade,
Que enxuga sempre aos mártires o pranto,
Nasceu pura e sublime a – Liberdade!¹⁹

No *Corimbo*, Julieta Monteiro também divulgou suas ideias abolicionistas, ainda antes da extinção do regime escravocrata. Em texto intitulado “A emancipação do Rio Grande do Sul”, a poetisa saudava as antecipações emancipacionistas em sua terra natal. Nesse sentido, ela exortava “a gloriosa província do Rio Grande do Sul”, que se agitava “fremento ao brado de liberdade completa”. Afirmava que “há muito que os rio-grandenses mostram o seu amor à santa causa da abolição dos cativos”, em um quadro pelo qual “há muito que vibrantes se têm erguido algumas vozes em bem desta nobre cruzada”²⁰.

Segundo a escritora gaúcha, “a prestação de serviços é a continuação do ignominioso cativeiro”, de modo que seria “necessário que se rompam as espessas trevas em que jazem esses infelizes e apareça-lhes o tão almejado sol da liberdade”. Diante disso, ela encorajava seus conterrâneos, exclamando “avante rio-grandenses,

¹⁹ MONTEIRO, 1891, p. 130.

²⁰ CORIMBO, Rio Grande, out. 1887, a. 3, n. 27, p. 4.

lavai do fértil terreno que vos viu nascer a nódoa infamante que o desonra". Também os conclamava a hastear "a bandeira sacrossanta dos livres", fazendo com que surgisse uma "aurora memorável, digna de ser recordada e festejada pelos pósteros". Mantendo o tom exortativo, ela dedicava "honra aos que trabalharem sem tréguas em favor de tão caridoso fim" e "palmas aos que plenos de satisfação, mostrando a grandeza de sua alma apressaram-se a quebrar jubilosos as algemas que roxeiam os pulsos de seus escravizados"²¹.

Assim as duas representantes da imprensa feminina rio-grandense-do-sul utilizaram-se de sua notoriedade intelectual para levar em frente a bandeira abolicionista, por meio da pena e da prensa. O papel dos escritos de Revocata de Melo e Julieta Monteiro no projeto abolicionista veio ao encontro da perspectiva pela qual, em muitos casos, "a dinâmica da questão" emancipacionista "passou a depender basicamente do debate pelos jornais", de maneira que "as suas páginas e escritórios se colocaram a serviço da causa, mobilizando a sociedade civil"²². Essa prática valeu também para a imprensa feminina, de maneira que, "para as mulheres, a participação no movimento abolicionista" constituiu "a primeira experiência de militância política organizada" e "foi aí que muitas delas se iniciaram politicamente, o que lhes deu experiência para enfrentar" novas campanhas no futuro²³.

²¹ CORIMBO, Rio Grande, out. 1887, a. 3, n. 27, p. 4.

²² RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 40.

²³ MOTT, 1988, p. 82.

Julieta e Revocata - *Violeta* e *Corimbo*: com a palavra as editoras

A imprensa literária teve um período de avanço no Brasil, especialmente no decorrer das três décadas finais do século XIX, com continuidade nos primeiros tempos do XX. As publicações literárias foram muitas vezes promovidas a partir da iniciativa dos próprios autores ou de indivíduos ligados à promoção da literatura²⁴. Tais publicações “literárias e/ou culturais” não fazem “concessões ao mundanismo”, caracterizando-se “pela intertextualidade marcante” e pelo “predomínio do discurso analítico e crítico”. Elas misturam, “em proporções bastante diversas, produção e crítica literária, debates estéticos, artigos de análises e opinião a respeito do país e seus dilemas”, além da “produção e divulgação científica”²⁵.

As revistas literárias chegaram a constituir uma moda e resultaram de uma “conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da

²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 196-199.

²⁵ LUCA, Tania Regina de. Tipologias de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Org.). *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 114.

população leitora e alto custo do livro”²⁶. No Rio Grande do Sul, o jornalismo literário também cresceu em importância, de modo que o desenvolvimento da literatura sulina esteve “intimamente vinculado ao aparecimento da imprensa”, pois tais periódicos exercearam “efetiva influência na produção literária” e na sua divulgação, já que “os primeiros autores riograndenses recorriam aos órgãos de imprensa devido às grandes dificuldades” encontradas “para a publicação e difusão de suas obras”²⁷.

Desse modo, “esses jornais tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural sul-riograndense, permitindo uma maior popularização da literatura local e regional”²⁸. Essa imprensa “inspirada e atuante” animou “a vida intelectual da província” e imprimiu “vigor e sentido singular no processo” de evolução das letras no Rio Grande do Sul. Apesar “de acidentes de variada origem”, tal jornalismo “teve seu desenvolvimento impulsionado e assegurado por força

²⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUS; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 40.

²⁷ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmem Consuelo. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina el al. *O Partenon Literário: poesia e prosa - antologia*. Porto Alegre: EST – São Lourenço de Brindes; Instituto Cultural Português, 1980. p. 12.

²⁸ ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005. p. 32.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

de uma ação continuada e construtiva", a qual lhe conferiu "realce e importância"²⁹.

De maneira crescente, o jornalismo tradicional, político e comercial deu espaço também à existência de uma imprensa especializada, com destaque ao periodismo literário, visando a atender interesses por leitura, voltados à cultura, às ciências e às humanidades, de modo que as folhas literárias progridem em tal "contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades"³⁰. Em tais publicações são divulgados trabalhos de alguns dos mais importantes autores gaúchos, "bem como romances, contos, textos críticos e correspondência" entre os representantes da intelectualidade ligada "ao movimento cultural" sulino³¹.

As publicações literárias "contam para a sua disseminação" com vários fatores como "o avanço técnico das gráficas, o aumento da população leitora e o alto custo do livro". Elas traziam consigo "um ar de modernidade - poucas folhas, presença de ilustrações, agilidade no trato das informações", vindo a conquistar "o apreço do público", o que gerou "uma diversificação na oferta de títulos". Mas, a maior parte delas mantém entre si certas características em comum, como "a

²⁹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975. p. 13.

³⁰ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 59-60.

³¹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, 1982. p. 26-27.

recorrência do caráter periódico, descontínuo e fragmentário do gênero”³².

Em linhas gerais, houve uma aproximação entre o jornalismo literário e a imprensa feminina, com alguns periódicos em que ocorria uma associação entre o princípio da divulgação cultural e a defesa dos direitos das mulheres e da emancipação feminina. Assim, “a imprensa feita por mulheres contemplou diferentes iniciativas, abrindo espaço para a voz feminina” e algumas de suas reivindicações³³. As publicações femininas passaram por verdadeiras metamorfoses ao longo do tempo, “seja no formato, no conteúdo”, ou ainda no que se refere “ao público a que se dirigem”³⁴.

Nesse sentido, com a passagem desse tempo e dessas modificações, “tanto os textos literários, quanto a imprensa feminina ajudaram a construir um perfil específico da leitora brasileira”³⁵. No caso brasileiro e sul-rio-grandense, houve várias relações entre o jornalismo literário e a escrita feminina, existindo um conjunto de periódicos que constituiu verdadeiro “empreendimento destinado ao público feminino que,

³² PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017. p. 70.

³³ MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 61.

³⁴ KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. In: *Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio, 2002. p. 19.

³⁵ HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006. p. 14.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

ao longo do século XIX, começa a ganhar cada vez mais espaço no periodismo literário”³⁶. Essas “revistas femininas veiculam percepções da realidade global, assim como contribuem na sua construção e atuam no contexto social do qual fazem parte”³⁷. A atuação de Julieta Monteiro no pioneirismo da *Violeta* e de Revocata de Melo na longa duração do *Corimbo* refletiu claramente essa aproximação entre imprensa literária e feminina.

Um dos periódicos percursores vinculado à imprensa feminina no contexto sul-rio-grandense foi editado na cidade do Rio Grande, com o título de *Violeta*. A responsável pela edição, com o papel de proprietária/redatora, foi Julieta de Melo Monteiro, uma das mais relevantes representantes da criação literária e da escrita feminina gaúcha. A chegada de tal folha foi noticiada pelo jornalismo citadino, com a informação de que fora “distribuído o primeiro número de um pequeno jornal que tem por título *Violeta*, periódico literário, crítico e instrutivo”, o qual era “redigido pela inteligente Sra. D. Julieta de M. Monteiro”, expressando-se os votos de que o mesmo deveria “ser bem acolhido e merecer a consideração pública, principalmente do belo sexo”³⁸.

No programa da *Violeta*, Julieta Monteiro revelava os intentos da novel publicação voltada à

³⁶ PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). In: *Navegações*, v. 5, n. 1, jan./jun. 2012, p. 101.

³⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 47.

³⁸ O COMERCIAL, Rio Grande, 18-19 mar. 1878, a. 21, n. 65, p. 1.

difusão literária, sendo mormente destinada ao público feminino:

É mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que vai a literatura nesta patriótica província; naufrágio que se evidencia, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela míngua de talentos, mas sim por essa frieza sistemática que a tudo enregela e pretende sufocar.

A literatura, essa pérola divina escapada dos lábios da Providência; a poesia, essa linguagem melíflua que nos fala com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, se tem um horizonte, se tem uma arena vasta para os seus elegantes devaneios, nenhum e nenhuma mais férteis em sazonar e produzir resultados que esta nobre e invicta província; onde por um dote como que natural das musas, a mocidade inspirase, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora nessa natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes.

Infelizmente, porém, o egoísmo, essa máscara de gelo com que se embuça a face do obscurantismo, não quer e não consente, que nem por simples ensaio as jovens de hoje travem de suas mimosas penas e venham preencher nas lutas grandiosas da ideia, o lugar de honra que lhes destina o natural impulso.

Como em outros tempos, o vocábulo do LITERATO, era tomado à esguilha pela ignorância dos papalvos aristocratas, verdadeiros empadões políticos de outrora, parece que também hoje se desenvolve a epidemia malina; se bem que muitos de nossos literatos rio-grandenses, se tenham elevado à altura a que não

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

podem atingir os grossos volumes de LOIRAS a que hoje se venera e... respeita.

Querendo por esse motivo a *Violeta* cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, sai altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe preste o apoio de que necessita.

Na arena literária, a nossa profissão de fé é a seguinte:

Aceitarmos os escritos que tendam a interesse instrutivo e por consequência útil.

Submeterem-se os autógrafos a uma comissão de revisão, isto a fim de que não se confundam escritos de mérito reconhecido, por outros que nada têm de aceitação.

Com estas ideias, e com outras que em artigos subsequentes iremos traçando acerca do nosso programa, está estabelecida a modesta *Violeta*, para a qual pedimos a proteção pública, por vir ela concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade.

Esperamos, pois, se a felicidade coroar nossos esforços, em breve tempo, melhorarmos de material, bem como aumentarmos o formato deste jornalzinho.³⁹

Na condição de típico representante da pequena imprensa, realizada em moldes artesanais, a elaboração do periódico sofria todo o tipo de revés, como ocorreu ainda em um dos primeiros números, com problemas na impressão da folha. Diante disso, a redatoria e

³⁹ O COMERCIAL, Rio Grande, 18-19 mar. 1878, a. 21, n. 65, p. 1.

proprietária avisava “Aos nossos assinantes” que, “tendo havido um pequeno desarranjo em nosso prelo, foi o número passado deste jornalzinho impresso na tipografia da *Gazeta Mercantil*”, um jornal diário que circulava na cidade do Rio Grande, na qual houve “um terrível engano ao colocarem-se as páginas no prelo, pelo que pedimos mil desculpas a nossos favorecedores, esperando que isto jamais se reproduza”⁴⁰.

A continuidade da circulação do *jornalzinho* era apresentada por Julieta na qualidade de uma vitória, como expressou na edição de número cinco, ao informar que “com o presente número finaliza a *Violeta* o seu primeiro mês de existência”. Além disso, utilizando-se de uma metáfora relacionada à flor que inspirava o título do periódico, manifestava o desejo de que “Deus queira que o mesmo orvalho que lhe tem dado vida até agora, continue a alimentá-la”⁴¹. A editora também se preocupava com os mínimos detalhes na confecção da publicação, como ao chamar a atenção de uma das colaboradoras conhecidas como “Lili”, ao constatar que “há duas semanas que não recebemos a correspondência de Pelotas”, vindo a questionar se estaria “acaso doente a nossa cara correspondente”⁴².

As cobranças para com os favorecedores inadimplentes eram outra pauta da redação, como ao publicar um “pedido” direcionado “aos nossos assinantes que ainda se acham em débito com esta empresa”, para os quais rogava “o obséquio de o mandarem saldar, visto que se vai proceder a cobrança

⁴⁰ VIOLETA, Rio Grande, 31 mar. 1878, a. 1, n. 3, p. 1.

⁴¹ VIOLETA, Rio Grande, 14 abr. 1878, a. 1, n. 5, p. 1.

⁴² VIOLETA, Rio Grande, 19 maio 1878, a. 1, n. 10, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

do terceiro mês, que tem começo com o presente número". A publicidade em relação aos representantes do periódico, também era noticiada, vindo a proprietária e redatora a prevenir "a todos os interessados que o agente da *Violeta* na cidade de Pelotas", passara a ser outra pessoa, com a qual "se podem tratar todos os negócios tendentes ao mesmo jornalzinho"⁴³.

O recebimento de colaborações era outro cuidado aos encargos da editora, como ao notificar que "a glosa que nos fez a honra de pedir para o seu belo mote, adiante verá", embora manifestasse o sentimento de "que não saísse como desejávamos", ressalvando que fizera "o que foi possível", já que "não possuímos lira, e esse rude instrumento que tão mal tangemos, parece que ainda mais se desafina quando tratamos de glosas". A identificação das correspondentes também entrava em pauta, caso de uma "declaração", segundo a qual "da cidade de Pelotas, foi-nos enviado um pedido da Exma. Sra. Brandina Paiva, para que declarássemos pelas colunas do nosso jornalzinho" que não era "ela a autora da correspondência que daquele lugar publicamos, com o nome de 'Brandina'"⁴⁴.

Ao longo de diversas edições foi hábito da redação apresentar apreciações realizadas em outros periódicos acerca daquela representante da imprensa literária e feminina sul-rio-grandense. Por vezes, entretanto, não foi possível tal inserção, de modo que era expresso o lamento de "que seja tão pequenina a nossa *Violeta* que não nos dê espaço para transcrevermos os elogios que tem sido alvo por parte de quase toda a

⁴³ VIOLETA, Rio Grande, 19 maio 1878, a. 1, n. 10, p. 1.

⁴⁴ VIOLETA, Rio Grande, 26 maio 1878, a. 1, n. 11, p. 1-2.

imprensa do Império” para os quais, “perdoem-nos a imodéstia, muito desejávamos dar publicidade”. Apesar disso, registrava que deveria ficar “gravado mais um protesto de gratidão às ilustres redações” que haviam se manifestado elogiosamente, pois tal “procedimento é próprio de quem o pratica e nós jamais o esqueceremos”⁴⁵.

Com a chegada dos primeiros três meses de edição, Julieta mostrava regozijo por tal sucesso, dedicando um editorial “Aos leitores”:

Ao encetarmos hoje o segundo trimestre da *Violeta*, faltaríamos a um sagrado dever se deixássemos de gravar aqui um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se dignaram prestar-nos a sua proteção, já com seus belos escritos, já com suas assinaturas.

Querendo nós corresponder a essas tantas manifestações de apreço que temos recebido, resolvemos aumentar o formato da *Violeta*, crentes de que continuará ela a ser bafejada pelas mesmas bonançosas auras.

Este jornalzinho criado exclusivamente para o belo sexo deve do mesmo receber toda a proteção.

Nas vossas mãos, pois, distintas brasileiras, depomos as nossas singelas *Violetas*; esperando que jamais as deixeis no abandono.

A todas aquelas em cujos cérebros pulular a luz da inspiração, pedimos que nos auxiliem na árdua, porém bela carreira que encetamos.

⁴⁵ VIOLETA, Rio Grande, 9 jun. 1878, a. 1, n. 13, p. 3.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

E ainda uma vez nossa sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se tem mostrado para conosco.⁴⁶

Apesar do arrebatamento por completar o primeiro trimestre, a redação não deixava de noticiar os percalços que cercavam a publicação, informando que, “por motivos alheios à nossa vontade” deixara o “periódico de sair à luz no domingo passado, cuja falta fica suprida com o número de hoje, para que continue daqui por diante com a mesma regularidade”, de modo que esperava “merecer desculpa de nossos favorecedores”. A tradicional técnica de distribuição antecipada visando a angariar novos assinantes também foi utilizada pela folha literária rio-grandina. Nessa linha, a editora declarava que, “tendo a *Violeta* crescido em formato, sem que contudo haja aumentado a sua assinatura, resolvemos fazer hoje uma nova distribuição da mesma”, vindo a pedir “às pessoas a quem ela for entregue e que não desejem coadjuvar-nos com a sua proteção, o obséquio” de devolver o exemplar⁴⁷.

Com as alterações nas dimensões da folha, a redatoria noticiava prazenteiramente que, “por termos presentemente maior espaço em nosso jornal, visto o aumento de formato que o mesmo sofreu, resolvemos de ora em diante” transcrever “o que a respeito da nossa singela *Violeta* disser a imprensa”, manifestando sua “sincera gratidão” àqueles periódicos que divulgassem a edição rio-grandina. A preocupação de Julieta com a manutenção dos intercâmbios com outras redações era

⁴⁶ VIOLETA, Rio Grande, 23 jun. 1878, a. 1, n. 15, p. 1.

⁴⁷ VIOLETA, Rio Grande, 23 jun. 1878, a. 1, n. 15, p. 1.

uma constante, chegando a cobrar a resposta das mesmas. Levando em conta tal prática, a redatora veio a informar de que dali para frente ficaria “suspensa a entrega de nosso jornal a todas aquelas empresas tipográficas cujas redações não se dignaram permutar seus periódicos com o nosso”. Todos os detalhes eram cuidados pela proprietária como ficava demarcado na nota denominada “Cobrador”, de acordo com a qual, “nesta tipografia precisa-se de um menino que se queira encarregar da cobrança deste periódico”⁴⁸.

Um engano para com o endereçamento das permutas foi notificado pela editora da *Violeta*, ao pedir “às redações de todos os periódicos de fora desta província que nos dão a honra de permutar com o nosso, que quando nos enviarem os mesmos”, fizessem “para a cidade do Rio Grande e não para a de Pelotas”, como acreditava “que, por engano, o têm feito, resultando daí extraviarem-se uns e demorar-se o recebimento de outros”. A contratação do responsável pelas cobranças permanecia como um dos cuidados da editora, ao dedicar nota “à pessoa que nos veio falar para ser cobrador de nosso jornal”, a quem fora dito “já estarmos servidas, rogamos o obséquio de vir a esta casa, para negócio de seu interesse”⁴⁹.

O alcance internacional da *Violeta* foi efusivamente saudado por Julieta, ao publicar coluna intitulada “Correspondência dos Estados Unidos”, noticiando que “pelo último paquete chegado da Corte, fomos agradavelmente surpreendidas, recebendo o primeiro número da importante revista mensal” a qual o

⁴⁸ VIOLETA, Rio Grande, 30 jun. 1878, a. 1, n. 16, p. 1.

⁴⁹ VIOLETA, Rio Grande, 14 jul. 1878, a. 1, n. 18, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

nome fora explicitado no título da matéria, informando que a mesma “começou a publicar-se em maio último em Nova Iorque”. Informava que “esta revista, órgão dos interesses entre o Brasil e os Estados Unidos, traz importantíssimos escritos, notícias, etc., etc.” e manifestava o sentimento de “que o limitado espaço de que dispomos neste jornalzinho não nos dê lugar” para transcrever “o brilhante artigo da redação, que tão lisonjeiro se mostra para com os brasileiros, tendo o primeiro lugar o nosso monarca”. Com entusiasmo a editora dizia que “folgamos assaz em dar esta agradável notícia a nossos favorecedores, pois que, conquanto tenha sido geral no Brasil a aceitação do nosso modesto jornalzinho”, ela “nunca” chegara a persuadir-se “que de tão longe receberíamos tão inequívoca prova de apreço”, vindo a fazer “sinceros votos pela prosperidade de tão útil publicação”⁵⁰.

A proprietária da publicação literária riograndina não deixava de cobrar a manutenção dos intercâmbios, como ao notificar “às distintas redações” de alguns jornais, prevenindo que já fazia “muito” tempo que “não temos o prazer de receber seus interessantes periódicos, tendo nós sido pontuais na remessa da nossa *Violeta*”. Na mesma linha, chamava a atenção de outras duas “illustres redações”, avisando “que ultimamente não temos recebido com regularidade esses interessantes órgãos da imprensa”, vindo a pedir “providências sobre isso”⁵¹. Ainda sobre o mesmo assunto, a redatora explicitava que “tendo notado”, que já havia “muito esse interessante jornal não acusa o

⁵⁰ VIOLETA, Rio Grande, 21 jul. 1878, a. 1, n. 19, p. 1.

⁵¹ VIOLETA, Rio Grande, 4 ago. 1878, a. 1, n. 21, p. 1.

recebimento da *Violeta*", vindo "a participar à distinta redação do mesmo, que temos sido pontuais na remessa de nosso jornalzinho", ignorando "se ele tem ou não chegado ao seu destino"⁵².

O esforço editorial para a execução da *Violeta* ficava expresso até mesmo na antecipação de um número por ocasião de uma data especial, como foi aquele dedicado ao dia da independência nacional, para o qual foi publicado um editorial alusivo, vindo a redatora a avisar que, "em razão de desejarmos de alguma forma comemorar este glorioso dia, resolvemos dar hoje o nosso jornalzinho, deixando de fazê-lo amanhã"⁵³. Como o intercâmbio com outras redações revelava-se cada vez mais um sucesso, passou a haver dificuldades na divulgação dos títulos de tantos periódicos recebidos, de modo que a editora teve de notificar que, "atendendo à falta de espaço, resolvemos de ora em diante publicar a revista dos jornais recebidos todas as quinzenas, deixando" de fazê-lo "como até agora semanalmente"⁵⁴.

Problemas na distribuição dos exemplares indignaram Julieta Monteiro, ao noticiar um "procedimento inqualificável", especificando que "só assim se poderá chamar aquele que acabam de ter conosco os nossos assinantes residentes na cidade de Pelotas". Explicava que "durante um trimestre" enviara ao agente do periódico naquela localidade "quantia muito superior a cem jornais" para serem distribuídos "pelos nossos assinantes, redações, etc.". Posteriormente,

⁵² VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 1.

⁵³ VIOLETA, Rio Grande, 7 set. 1878, a. 1, n. 26, p. 1.

⁵⁴ VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878, a. 1, n. 27, p. 2.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

remeteu ao agente os recibos para que ele realizasse a cobrança, resultando em uma “surpresa, quando ele nos mandou dizer que todos os assinantes negavam-se a pagar pelo motivo de que a *Violeta*”, já fazia “muito não publicava crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos assinantes”. A editora dizia custar a “crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidades”. Com a troca do funcionário, surgia nova informação, pela qual os favorecedores afirmavam não ter recebido seus exemplares, gerando maior indignação de Julieta, de acordo com a qual, para “procedimentos desta ordem não têm palavras que o qualifiquem”. Reagindo ao óbice, a proprietária da folha considerava que eram “espíritos de maldade que se empenham em fazer murchar a pobre e inofensiva *Violeta*”, mas, que se fosse assim, participava “que, por enquanto, não conseguirão o que tanto almejam, visto que, ao passo que se davam esses acontecimentos em Pelotas”, havia “excelentes resultados” em lugares como “Corte, Bagé, Santana do Livramento, Jaguarão, etc.”⁵⁵.

Por outro lado, Julieta de Melo Monteiro comemorava a chegada de seu periódico ao segundo semestre:

Modesta e singela como sempre, entra hoje a nossa *Violeta* no seu segundo semestre de existência.

Cremos que fielmente temos cumprido com o nosso programa o que é forçoso confessar,

⁵⁵ VIOLETA, Rio Grande, 22 set. 1878, a. 1, n. 28, p. 1.

a muitos tem desagradado, visto não nos ocuparmos com a vida alheia.

Triste realidade.

A cada momento ouvimos falar em progresso, civilização, amor ao estudo, etc., etc., porém embalde procuramosvê-los, não sabemos aonde se ocultam.

A maior parte da nossa mocidade detesta as letras porque aborrece o estudo e se acaso alguma vez busca um jornalzinho da ordem da *Violeta* é apenas para ler a parte crítica.

Como, porém, todas as regras tem exceção; consegue-se lutando com algumas dificuldades manter a existência de jornaizinhos literários.

Não se zanguem conosco aqueles em quem couber a “carapuça” e aceitem os nossos cordiais agradecimentos os que com suas valiosas proteções têm concorrido para que se possa cultivar esta frágil e pequenina “flor”.⁵⁶

Os embaraços impostos à redatoria da *Violeta* permaneciam, surgindo uma grande dificuldade quanto aos serviços de cobrança, vindo ela a rogar “ao ex-cobrador deste jornalzinho o ‘obséquio’ de vir até a esta casa”, na qual a “sua falta é assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou importe dos mesmos, que o citado senhor ‘esqueceu-se’ de trazer-nos”. Tal aviso seria repetido ao longo de várias edições⁵⁷. O atraso no pagamento das assinaturas era outra das preocupações da editora, como revelou ao publicar “aviso” em que dizia “a todos os nossos favorecedores tanto deste lugar

⁵⁶ VIOLETA, Rio Grande, 22 set. 1878, a. 1, n. 28, p. 2.

⁵⁷ VIOLETA, Rio Grande, 20 out. 1878, a. 1, n. 32, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

como de fora dele, que ainda se acham em débito com esta pequena empresa”, rogando “o obséquio de mandarem quanto antes satisfazer suas assinaturas, pelo que ficaremos sumamente gratas”⁵⁸.

Como atividade essencialmente unipessoal, a continuidade da folha literária acompanhava até mesmo as dificuldades pessoais enfrentadas por sua redatoria/proprietária, como foi o caso da perda do progenitor da mesma, que levou à suspensão da publicação. Nesse sentido, Julieta notificava que, “após uma interrupção de três meses, motivada ao princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares” vinha a aparecer “de novo a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado”. Além disso, afirmava que, “como sempre diligenciando por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destina”, a redação resolvera “fazer algumas alterações em seu programa”, como publicar, “de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradam a maior parte do sexo frágil”. Dessa maneira, esperava “continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tem sido benignamente dispensado”. Finalmente, informava aos assinantes “que se tinham adiantado em pagamentos com esta pequena empresa, de que nada sofreram os seus interesses com a interrupção que acaba de ter este jornalzinho”, tendo em vista “o cuidado de indenizá-los de sua falta”⁵⁹.

Ainda por ocasião da interrupção da circulação da folha, a editora agradecia “a todas as redações que mesmo durante o tempo em que esteve interrompida a

⁵⁸ VIOLETA, Rio Grande, 17 nov. 1878, a. 1, n. 36, p. 4.

⁵⁹ VIOLETA, Rio Grande, 6 abr. 1879, a. 2, n. 43, p. 2.

publicação deste periódico não deixaram de enviar-nos os seus". Além disso, notificava que, "com o jornal de hoje distribuímos um número que já se achava composto, quando a fatalidade nos veio obrigar a suspender a publicação". Na mesma ocasião, anunciava um novo projeto editorial para a *Violeta*, de modo que, "a fim de darmos maior merecimento ao nosso pequeno jornal", passaria a publicar "a biografia de senhores ilustres brasileiras e estrangeiras, e principalmente riograndenses", recebendo para tanto "com a maior gratidão os dados que nos forem transmitidos para esse fim". No sentido de dar maior concretude ao plano, informava que "não só aceitamos, mas, até muito encarecidamente pedimos às pessoas patrióticas e amantes da literatura que nos coadjuvem para tal fim". Em conclusão, constatava que "o exemplo das mulheres que se têm distinguido, não deve ser indiferente, e, quiçá, vá iluminar muitas inteligências feminis", as quais "dormem esquecidas pela indiferença, despertando com a narração deslumbrante dos altos feitos de nossas gloriosas ascendentes" e também "não menos ilustres contemporâneas"⁶⁰.

As solicitações voltadas à inadimplência dos favorecedores voltavam a figurar nas páginas da *Violeta*, com o aviso "a todos os assinantes tanto deste lugar como de fora dele, e especialmente aos de Bagé, que ainda se acham atrasados em seus pagamentos", sendo rogado "o obséquio de mandarem satisfazer essa importância o mais breve possível"⁶¹. Os estorvos à circulação da folha continuavam a acometer a redação,

⁶⁰ VIOLETA, Rio Grande, 6 abr. 1879, a. 2, n. 43, p. 2.

⁶¹ VIOLETA, Rio Grande, 13 abr. 1879, a. 2, n. 44, p. 2.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

como no comunicado que dizia que “devido a um pequeno desarranjo havido em nosso prelo, fomos obrigados a não dar o jornal domingo passado, o que bastante nos contraria”, de maneira que, “da benevolência de nossos assinantes esperamos merecer desculpa para essa falta involuntária”⁶².

Outra inovação intentada pela editora da publicação literária foi a inclusão de matéria publicitária na forma de uma anexo ao periódico. De acordo com tal perspectiva, era avisado que, “de hoje em diante será distribuída juntamente com a *Violeta* meia folha de papel contendo anúncios, para os quais chamamos a atenção de nossos leitores”. A redação informava que, “não sendo por este motivo alterado o preço do jornal, esperamos continuar a merecer a proteção pública”. Além disso, explicitava que, “tendo o nosso jornalzinho circulação por quase todas as províncias do Império”, e vindo a fazer “os anúncios por menor preços que qualquer outro, esperamos que não se esqueçam de nós os nossos assinantes e o público em geral”⁶³.

Perante o recebimento de um texto de um “célebre escritor português”, a redatoria avisava que, “infelizmente não podemos satisfazer os desejos de quem o enviou, visto que nosso pequeno jornal é como ninguém ignora colaborado apenas por senhoras”. Afiançava ter “certeza” de “que a leitura desse espíritooso escrito agradaria à grande parte de nossos leitores, porém, pelo motivo que acima dizemos, não o publicamos”. Uma nova interrupção na edição de um número do periódico foi justificada, com a notificação de

⁶² VIOLETA, Rio Grande, 11 maio 1879, a. 2, n. 47, p. 1.

⁶³ VIOLETA, Rio Grande, 11 maio 1879, a. 2, n. 47, p. 1.

que “ainda uma vez vimo-nos forçadas a faltar com a *Violeta* aos nossos assinantes”. Argumentava que “é para nós bastante sensível a falta desse compromisso”, mas que, “infelizmente vimo-nos obrigadas a tê-la, visto que a falta de empregados nestes últimos tempos, a isso nos obriga”⁶⁴.

Já nos últimos números da existência da publicação literária e feminina, outras falhas na circulação foram notificadas. Nesse sentido, a redação dirigia-se “aos nossos assinantes a quem de coração agradecemos a proteção que até hoje nos tem dispensado”, pedindo “mil desculpas pela irregularidade com que ultimamente tem sido distribuída a nossa pequena folha”. Frente a tal problema, prometia que, “com a entrada do novo mês e trimestre faremos todo o possível para que não se reproduzam essas irregularidades”, bem como esperava “também que não nos abandone o favor público”⁶⁵. O plano de divulgação publicitária não viria a se confirmar como revelou a editora ao avisar que, “infelizmente, vimo-nos obrigadas a deixar morrer logo ao nascer o nosso projeto de distribuir juntamente à *Violeta* meia folha de papel com anúncios”. Explicava que “fomos forçadas a assim proceder pela mesma razão que tem feito com que nosso pequeno jornal seja publicado tão irregularmente”, que era “a falta de empregados”, de maneira que, “logo que sejamos melhor servidas, voltaremos à nossa ideia”⁶⁶. Ao lado das questões estruturais, a proprietária/redatora continuava a

⁶⁴ VIOLETA, Rio Grande, 15 jun. 1879, a. 2, n. 50, p. 2.

⁶⁵ VIOLETA, Rio Grande, 6 jul. 1879, a. 2, n. 52, p. 1.

⁶⁶ VIOLETA, Rio Grande, 13 jul. 1879, a. 2, n. 53, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

preocupar-se com os mínimos detalhes editoriais, como no caso da seleção de textos. Nessa linha, comunicava a um colaborador identificado apenas pelas iniciais, que não poderia “ser satisfeito o pedido de V. S. relativamente à publicação da poesia” enviada, “visto que ela não é produção de uma senhora, e sim de um cavalheiro, mui conhecido de pessoa cá de casa”, uma vez que naquela publicação “não pode ter lugar o logro”⁶⁷.

Por meio da *Violeta*, Julieta de Melo Monteiro demonstrou que a experiência de editar um representante da imprensa literária e feminina poderia ter algum alcance. Ainda que restrito em termos cronológicos, o periódico teve repercussão como um dos projetos pioneiros na conjuntura sul-rio-grandense voltado à difusão da escrita e da leitura feminina. Como proprietária da folha, Julieta assumia as funções de gerenciamento do escritório e da oficina, bem como a da organização, redação, seleção e revisão dos escritos, sem deixar de lado a distribuição e circulação dos exemplares e a cobrança e manutenção das assinaturas. Além disso, empenhou-se ardorosamente em conseguir uma significativa amplitude de permutas, de modo que transformou a *Violeta* em um eficiente veículo destinado a difundir a literatura e a escrita feminina⁶⁸. Por meio das matérias editoriais, Julieta Monteiro revelava os alcances e limites daquele tipo de publicação voltado

⁶⁷ VIOLETA, Rio Grande, 20 jul. 1879, a. 2, n. 54, p. 1.

⁶⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil: Julieta de Melo Monteiro – autora, poetisa, editora e militante*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante D. Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018. p. 96-97.

exclusivamente à divulgação de textos de autoria feminina e destinado essencialmente às mulheres como seu público leitor.

Na cidade do Rio Grande foi também publicada uma das mais longevas revistas femininas brasileiras. Revocata Heloísa de Melo constitui uma das mais importantes representantes da escrita feminina no Rio Grande do Sul, tendo desempenhado um papel que levou o seu reconhecimento como literata e jornalista/editora para além das fronteiras gaúchas ao atingir níveis nacionais e internacionais. A ação na imprensa e a edição de um periódico foram significativas para a conquista dessa notabilidade, uma vez que, ao fundar o *Corimbo*, dá-se o início de um dos mais duradouros participantes da imprensa feminina do Brasil.

O significado que o *Corimbo* adquire durante a sua extensa história foi saudado por escritores contemporâneos à circulação da folha e analisado e ressaltado por pesquisadores da atualidade. Correspondeu a uma longa jornada de seis décadas, as quais foram marcadas por constantes avanços e recuos, períodos florescentes e de crise, continuidades e interrupções. Trata-se, então, da construção do periódico, a partir da ação, na maior parte das vezes, unipessoal de Revocata de Melo. Ao longo dessa existência, os textos de natureza editorial por ela redigidos vão demonstrar as trajetórias de progressos e retrocessos, principalmente por ocasião dos aniversários, das mudanças de fase e das justificativas por falhas na circulação.

Ao fundar o periódico, a escritora contava com 29 anos e sua experiência com a imprensa ocorreu na

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

participação do corpo de colaboradores de vários periódicos literários e no auxílio à edição da *Violeta*. A inexistência de exemplares da primeira fase de circulação do *Corimbo* traz consigo a própria dificuldade de conhecer o programa da folha quando de sua criação, em outubro de 1883. Entretanto, através da observação de outros jornais da época, foi possível perceber as ideias principais de Revocata Heloísa de Melo ao criar o periódico.

Ao contrário da maioria dos jornais de então, que prezavam por apresentações longas, eloquentes e cheias de floreiros, com uma grande quantidade de promessas, que normalmente não poderiam ser cumpridas, Revocata é extremamente sucinta ao apresentar o *Corimbo*. Destaca a intenção de promover uma luta a favor da difusão das letras e da promoção do estudo, como únicos caminhos para o “progresso intelectual”, que poderia propiciar a elevação das novas gerações. A editora ressalta a confiança nos demais literatos que deveriam vir em sua direção na execução daquela meta, além de demonstrar a crença num público que viesse a proporcionar as condições para a continuidade da existência da nova folha:

Pugnar pela causa das letras, pelas ideias que tendem a levar a nova geração ao estádio do progresso intelectual, fazendo brilhar no pórtico do templo de nossas aspirações o facho do estudo que aclara as aleias de um rutilante futuro, eis a missão a que nos propomos.

Luta muito para um dia vencermos, tendo toda a crença em sermos auxiliada nesse árduo empenho pelos trabalhos intelectuais de nossos

patrícios voltados ao sublime certame em prol da literatura pátria.

Sejam eles prontos em mostrar-nos o lábaro que ardentes buscamos arvorar, que o público ilustrado e generoso certamente não se negará em conservar firme a base material em que se firma este pequeno e frágil campeão⁶⁹.

Alguns indícios a respeito da criação do *Corimbo* são encontrados nas informações apresentadas pelos demais jornais da cidade do Rio Grande acerca do seu surgimento.

O mais antigo periódico rio-grandino daquela época, o *Diário do Rio Grande* (1848-1910), em pequena nota, informa que “mais um jornal hebdomadário consagrado às letras e ao estudo surgiu à luz nesta cidade”. Ressalta ainda que a nova folha “denomina-se *Corimbo* e é propriedade da Sra. D. Revocata H. de Melo”. O jornal encerra manifestando os votos de que “desejamos longa vida”⁷⁰.

Outro jornal diário que circula no Rio Grande naquela época é o *Eco do Sul* (1858-1934), que dedica quatro parágrafos ao surgimento da nova publicação, prevendo com otimismo algo que iria se confirmar no futuro, ou seja, que a nova folha deveria ter “longa existência”, tanto que durou uma década a mais que o

⁶⁹ O SÉCULO, Porto Alegre, 28 out. 1883, a. 4, n. 148, p. 2.; O COMERCIAL, Rio Grande, 23 out. 1883, a. 26, n. 239, p. 1. A escolha do dia 21 de outubro para a fundação do periódico é uma homenagem de Revocata à sua irmã e parceira literária, Julieta Monteiro, que aniversariava nesta data.

⁷⁰ DIÁRIO DO RIO GRANDE, Rio Grande, 23 out. 1883, a. 36, n. 10.394, p. 2.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

próprio *Eco*. O diário aponta, com o título de *Corimbo* “foi no domingo último distribuído um periódico literário que, a julgar do esmero com que está redigido o primeiro número, promete longa existência e bons serviços à literatura nacional”. Informa que o mesmo “é propriedade da distinta poetisa rio-grandense, a Exma. Sra. D. Revocata H. de Melo, que é também a sua redatora”. De acordo com o *Eco do Sul*, a presença da escritora já seria um fator de qualidade para o *Corimbo*, explicando que, “para os apreciadores desse gênero de publicações” tornava-se “uma garantia o nome da inteligente jovem, já bastante conhecida por suas mimosas produções poéticas”. Ao fim, o diário riograndino recomenda o hebdoadário, desejando “à sua digna proprietária e redatora a realização dos seus intutitos e aspirações”⁷¹.

Circula no Rio Grande em 1883 o diário *Artista* (1862-1912), relatando que fora “obsequiado com o primeiro número do *Corimbo*, novo periódico que saiu ontem à luz da publicidade”, informando que se tratava de um “hebdoadário consagrado às letras e ao estudo, de propriedade e redação da ilustrada poetisa, a Exma. Sra. D. Revocata H. de Melo”. O *Artista* ressalta a presença da editora como fiança para o sucesso do novo empreendimento ao dizer que “quando outra garantia não oferecesse o *Corimbo* a seus leitores, para o “futuro desenvolvimento, bastava lermos o nome laureado da ilustrada poetisa”, de modo a ficar “convictos do muito que tem a fazer o novo colega em favor de nossa literatura pátria”, ficando o mesmo recomendado “ao público e especialmente àqueles que mais se interessam

⁷¹ ECO DO SUL, Rio Grande, 24 out. 1883, a. 30, n. 244, p. 2.

pela causa de nossa literatura pátria". Para encerrar, o *Artista* saúda o "novo e interessante periódico, desejando-lhe na gloriosa missão que vai encetar" que "trilhe sempre um caminho repleto das flores as mais odoríferas"⁷².

O mais longo artigo editado sobre o aparecimento do *Corimbo* é elaborado pelo *Comercial* (1858-1886), publicação preocupada principalmente com os temas mercantis e que não poupou elogios à criação da nova folha literária. Em matéria que ocupou duas colunas, o *Comercial* anuncia o *Corimbo*, afirmando que "com este título foi distribuído domingo último o primeiro número de um periódico, propriedade e redação da distinta poetisa rio-grandense, D. Revocata Heloísa de Melo", o qual era consagrado "ao estudo e propagação das letras". A respeito da apresentação da nova publicação, o *Comercial* comenta que "tão expressivo, quanto modesto e lacônico é o seu programa", transcrevendo-o⁷³.

Ainda que não estivesse expresso no pouco extenso programa elaborado por Revocata de Melo, o *Comercial* traçava a perspectiva de que, através de sua presença, o *Corimbo* ganhava mais importância por servir de inspiração a uma renovação no papel exercido pela mulher na sociedade. Dessa maneira, a partir da representatividade de Revocata de Melo, o diário rio-grandino já antevê a importante função que o *Corimbo* viria a exercer como um representante da imprensa feminina:

⁷² ARTISTA, Rio Grande, 22 out. 1883, a. 22, n. 32, p. 2.

⁷³ O COMERCIAL, Rio Grande, 23 out. 1883, a. 26, n. 239, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

A ilustre redatora do *Corimbo*, atirando-se consciente de si, de sua força, dos elementos intelectuais de que dispõe, à arena da imprensa, lavra um protesto contra a doutrina daqueles que só admitem o domínio da mulher pelo coração, a sua força residindo no sentimentalismo; e o homem, impondo pela razão, derivando a mesma força das conquistas da inteligência.

Que o espírito da mulher é tão apto a essas conquistas, propôs-se a evidenciar D. Revocata de Melo, como o daqueles que se consideram os únicos capazes de avassalar a ciência.

Não é aceitável o pensamento do poeta inglês:

Fair defect of nature.

Não o erro formoso da natureza, mas a perfeição dessa mesma natureza exprime a mulher.

Modifiquem sua educação, facilitem-lhe o predomínio da espontaneidade e independência, o desenvolvimento amplo de suas faculdades; não a destinem unicamente à missão de concentrar toda a sua atividade no círculo estreito da economia doméstica, ao papel de gênio tutelar da família ou anjo do lar; que não receará a mulher competência com o homem, em descortinar os horizontes da ciência.

Nesse caso, a vantagem será em favor do sexo fraco contra o sexo forte, este subjugado pela dualidade, coração e razão, sentimentalismo e ciência.

Constituem ainda entre nós, exceção as mulheres incontestavelmente corajosas que se lançam aos torneios em que se esgrimem as armas do raciocínio.

Entre essas, alista-se D. Revocata H. de Melo.

Um brado uníssono da sociedade rio-grandense a deve acolher.

A combatente glorificará a arena de combate e dará profícias e salutares lições às do seu sexo.

A estas, acolherem *Corimbo*, animarem-no e festejarem-no, alimentando-o, para que possa viver e prosperar, produzindo sazonados frutos.

Ao belo sexo rio-grandense o dever de proteger as produções da mentalidade, daquela que pertence ao mesmo grêmio.

Esse dever corre igualmente ao sexo varonil, à mocidade entusiasta, como tributo de homenagem ao gênio feminil.

Longa vida ao *Corimbo*, profusa messe de louros à sua proprietária e redatoria.

São esses os nossos sinceros desejos⁷⁴.

Passado o entusiasmo inicial, a partir de sua criação, os caminhos do *Corimbo* são desconhecidos, tendo em vista a absoluta falta de exemplares remanescentes no período imediatamente posterior a 1883. De acordo com as informações expressas em edições mais tardias, pode-se verificar que o formato original da folha era a do jornal convencional, com quatro páginas e circulação semanal⁷⁵.

No início de 1885, após algum tempo de interrupção, Revocata de Melo estabelece a retomada do periódico sob sua direção. Houve uma alteração

⁷⁴ O COMERCIAL, Rio Grande, 23 out. 1883, a. 26, n. 239, p. 1-2.

⁷⁵ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

fundamental quanto à periodicidade sobre a qual a própria editora comenta que, fizera cessar a edição semanal do *Corimbo*, substituindo-a por uma revista mensal. Argumenta que assim poderia, “em melhores condições materiais e literárias”, dar aos “favorecedores um trabalho nítido e páginas de boa leitura”. A jornalista declara ainda a sua crença “na proteção daqueles que se interessam pelo progresso das letras”, esperando “um feliz acolhimento em prol de nossos dedicados esforços”⁷⁶.

Segundo a editora, a nova fase do *Corimbo* parece ter trazido boa repercussão ao salientar que “transbordando de júbilo, vem hoje a redação da modesta revista apresentar ao ilustrado público riograndense” e também “à distintíssima imprensa das três principais cidades da província - Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas - os seus inquebrantáveis protestos de indelével gratidão”, tendo em vista o “esplêndido acolhimento que se dignaram fazer a esta desprevensiosa publicação”. No segundo número correspondente a tal fase, Revocata de Melo reforça a boa receptividade do periódico em novo formato⁷⁷. A numeração do periódico é reiniciada e o título permanece estampado do novo formato, composto da capa, do conjunto de páginas e da contracapa.

A preocupação com a continuidade das permutas, estratégia mantida com todo o cuidado por Revocata, fica evidenciada na seção “Expediente” em que a editora se refere à “falta de espaço” na revista “para divulgar as publicações permutadas, a fim de

⁷⁶ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1885, a. 1, n. 1, p. 3.

⁷⁷ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1885, a. 1, n. 2, p. 3.

prometer a reparação do ocorrido no “*Corimbo* próximo futuro”⁷⁸. Na edição seguinte, o “Expediente” já é aberto com a declaração de que “o *Corimbo* dia a dia tem a ventura de ser distinguido com mais delicadas provas de apreço de seus ilustres colegas”. No mesmo número é noticiado que “a nossa obscura redação foi gentilmente mimoseada com mais um testemunho de consideração”, recebendo um presente, capaz de demonstrar que não foi esquecido “o pequeno e despretensioso *Corimbo*”⁷⁹.

Ao completar o primeiro aniversário da nova fase, a diretora da folha promete melhorias na edição, assim como agradece ao público, aos colaboradores e as demais redações com as quais mantinha intercâmbio. Neste sentido, ao completar o primeiro ano da revista em seu novo formato, agradece “o generoso público”, por continuar prestando “a mesma proteção dada ao *Corimbo* desde a sua primeira fase”. Deste modo, aponta que, no imperioso e grato dever de, embora em face de alguns esforços, de alguma luta, buscarmos brevemente dar à nossa fraca publicação mais amplitude”, por meio de “uma nova forma que certamente agradará a seus leitores”, ou seja, “àqueles que indubitavelmente hão concorrido para um feliz desenvolvimento em sua modesta existência”. Revocata de Melo lembra que lhe cabia “mais sincera e profundamente agradecer o auxílio das brilhantes penas cuja colaboração tem sido valiosíssima”, assim como “a benevolência com que a têm recebido os ilustres colegas de imprensa a quem deve a honra da permuta”⁸⁰.

⁷⁸ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1885, a. 1, n. 6, p. 3.

⁷⁹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1886, a. 1, n. 9, p. 3-5.

⁸⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. 1886, a. 1, n. 13, p. 4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Na edição seguinte, ocorre um reforço do agradecimento, com a afirmação de que “a redação do *Corimbo* confessa-se sumamente grata a todos os órgãos da imprensa”⁸¹. O mesmo ocorre em número do último trimestre, na justificativa por uma interrupção na circulação. Nesta ocasião, a redatora justifica aos assinantes a ausência do último *Corimbo*, “o que foi ocasionado por imperiosos motivos”, uma vez que ocorreu a mudança de tipografia onde a folha era impressa. Declara que, em compensação, faz distribuir a folha “com o aumento de páginas, procurando por esta forma compensar a falta havida para com os seus favorecedores”. Além disso, reafirma que “com a devida vênia abrimos espaço no *Corimbo* para “belos artigos” transcritos de outros periódicos⁸². No próximo número, é reforçado que o *Corimbo* fora enriquecido “com uma formosíssima poesia de um dos nossos mais apreciáveis poetas”⁸³.

No início de 1887, a editora justifica mais uma interrupção e saúda os assinantes, colaboradores e demais jornalistas pelo novo ano. Para tanto, Revocata afirmava que “circunstâncias imperiosas” ligadas à mudança na tipografia em que o *Corimbo* era impresso, dando lugar à sua ausência no mês anterior, vindo a clamar pela “benevolência de nossos delicados favorecedores”, pedindo “indulto para esta falta”. Esta falha privara a redação “de em tempo como nos cumpria, dirigirmos ardentes felicitações pela entrada do novo ano, não só àqueles que sustentam a base material”

⁸¹ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1886, a. 2, n. 14, p. 3.

⁸² CORIMBO, Rio Grande, out. 1886, a. 2, n. 16, p. 27.

⁸³ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1886, a. 2, n. 17, p. 15.

da folha, “como aos nossos dedicados colaboradores e distintos colegas de imprensa”⁸⁴.

A ocasião servia para a redatora anunciar possíveis melhorias na edição da folha. Diz ela que “ao transformos os umbrais do novo ano e ainda sob as impressões dos horizontes de 86, onde é certo que não tivemos luz em borbotões, nem trevas de cegar, fitamos com esperança e crença” para as suas aspirações. Declara assim que escudada “na boa vontade e auxílio de nossos favorecedores, prometemos atividade e acurado trabalho, para que seja dada a esta frágil publicação, uma face atraente e digna do apreço público”⁸⁵.

A editora chega a prometer a inclusão de ilustrações no jornal, o que não viria a se confirmar. Como era comum em várias folhas do mesmo gênero na época, Revocata afirma que “de quando em quando abrillantaremos as páginas com uma notícia biográfica acompanhada do retrato de algum notável vulto brasileiro” e ainda mais “daqueles cujo berço foi embalado pelos pampeiros desta heroica e querida província”. Outra mudança estava ligada ao ingresso da “infatigável companheira”, Julieta Monteiro, a irmã de Revocata, que passava a ser a responsável pela revisão da parte poética⁸⁶.

Novas falhas na edição levariam o periódico a publicar dois números simultaneamente em um mesmo exemplar, a fim de recuperar as edições perdidas. O caráter unipessoal da produção da folha evidencia a justificativa para a interrupção, provocada por motivo

⁸⁴ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1887, a. 2, n. 19, p. 3.

⁸⁵ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1887, a. 2, n. 19, p. 3.

⁸⁶ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1887, a. 2, n. 19, p. 3.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

de doença da redatoria/editora. Esta explicação aparece no “Expediente”, em que Revocata volta-se “a todas as nossas amabilíssimas assinantes”, pedindo “mil desculpas pela demora”, que houve “na publicação do presente número, a qual foi ocasionada pela enfermidade de que foi acometida ultimamente a proprietária”. Interessante é que a invocação às assinantes se dá com a utilização do feminino, demarcando de certo modo o público preferencial do periódico⁸⁷.

Mas esta mesma edição de junho/julho de 1887 demarca mais um aniversário da publicação, sendo anunciado que “entra o *Corimbo* no seu terceiro ano de existência”. A redatoria diz acreditar que se até então não dera à folha “uma marcha progressiva como é o nosso mais ardente anelo, não é porque não tenhamos enviado para isso todos os esforços”. Além disso, garante que tinha “convicção de que o programa que traçamos em tempo tem sido por nós fielmente cumprido”, de modo que continuaria “a trabalhar com fé e coragem, na doce esperança de ver realizado um dia o sonho que há tanto alimentamos”⁸⁸.

Na ocasião desse aniversário, a redatoria declara que “aos nossos ilustrados e distintíssimos colaboradores cabe a maior parte das glórias que em nossa árdua tarefa possamos acaso ter tido a felicidade de colher”. Deste modo, “a eles, pelo muito que têm feito”, a editora dedica o seu “profundo reconhecimento, traduzido num afetuoso aperto de mão”, bem como manifesta o seu desejo de que os mesmos “continuem a

⁸⁷ CORIMBO, Rio Grande, jun. - jul. 1887, a. 2, n. 23 e 24, p. 30.

⁸⁸ CORIMBO, Rio Grande, jun. - jul. 1887, a. 2, n. 23 e 24, p. 3.

auxiliar-nos com as fulgentes cintilações de seus robustos talentos”⁸⁹.

Os agradecimentos se estendiam “à imprensa em geral, que tão cavalheirosamente nos tem sempre recebido”, assim como, “em particular, a todos os colegas que se dignam permutar conosco”, dedicando-lhes “amistosos cumprimentos e votos de indelével gratidão”. Os assinantes também eram saudados, com a declaração de que “a todas excelentíssimas senhoras e amáveis cavalheiros que, dispensando à nossa Revista a sua valiosa assinatura, concorrem para tornar mais firme a sua existência”, a redatora se confessa como “em extremo penhorada”⁹⁰.

Após mais uma parada, a redatora do *Corimbo* deixa transparecer a expectativa de tempos melhores, manifestando estar “com o coração a transbordar de esperança e a mente afogada num mar de aspirações” ao desejar que o ano de 1888 fosse bem-vindo para “todos os nossos distintos colegas da imprensa, esses esforçados pugnadores das ideias perfectibilizadoras”. Ela diz esperar ainda uma “longa messe de risos e venturas” a “florir no lar de nossos dedicados colaboradores bem como das Exmas. Sras. e cavalheiros que, benevolentemente, concorrem para a existência desta singelíssima” publicação. Revocata elucida que a interrupção ocorrera “por motivos alheios à nossa vontade”⁹¹.

⁸⁹ CORIMBO, Rio Grande, jun. - jul. 1887, a. 2, n. 23 e 24, p. 3.

⁹⁰ CORIMBO, Rio Grande, jun. - jul. 1887, a. 2, n. 23 e 24, p. 3.

⁹¹ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1887 - jan. 1888, a. 3, n. 29 e 30, p. 3; 31.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

A passagem de mais um aniversário, em 1888, leva a editora do *Corimbo* a refletir sobre o caminho percorrido até então, acreditando na continuidade da jornada:

É certo que acurada contração ao trabalho, seja ele muito embora desenvolvido sob afanosa luta, nos difíceis meios em que se costumam achar-se aqueles que logram uma tentativa, faltando-lhes os elementos para bem desempenharem-se do encargo tomado, traz sempre, hoje ou amanhã, uma recompensa a esses esforços, uma risonha esperança que nos induza a prosseguir, na crença de chegar um dia à raia do nosso ideal.

Assim pensamos nós, quando em 83 tivemos a ideia de fazer aparecer à luz pública o *Corimbo*, então com jornal semanário, e mais tarde, quando em 85 demos-lhe a forma de revista mensal, caráter em que o temos sustentado, entrando com o presente número em seu quarto aniversário.

Neste período de tempo, nos temos esforçado em cumprir para com os favorecedores de nossa frágil revista literária, os compromissos a que esta publicação impôs-nos.

Árdua os tem por vezes parecido a tarefa, porém logo, às sombras de nosso infundado desalento, sucedem os vívidos clarões do apreço público como doce e poderosa recompensa.

Assim é que, ao volvemos a página onde ao *Corimbo* sorri um novo ano de vida, ainda que levemente velada pela incerteza, não podemos deixar de solicitar ao benévolu público desta

província o auxílio preciso a solidificar a base material que lhe ampara a existência.

As Exmas. Sras. e cavalheiros que até então se têm dignado proteger tão humilde empresa, a continuação de seu valioso contingente, concedendo-nos a satisfação de consagra-lhes nesta página a sincera expressão de nosso profundo reconhecimento.

Aqueles que, com as cintilações de seu belo talento, hão concorrido para dar ao *Corimbo* deleitáveis páginas de leitura, guardarem a certeza de que seus festejados nomes acham-se indeléveis em nosso coração.

Enfim, à ilustre imprensa que tão cavalheirosamente há acolhido o nosso labor, e a todos os colegas que nos honram com a permuta de suas apreciadas folhas, rogamos aceitarem como intérprete de nosso apreço, um agradecido e cordial aperto de mão.⁹²

Após praticamente mais um ano de nova interrupção, Revocata de Melo promove uma outra mudança drástica no periódico. A denominação e o formato de *Revista* são abandonados, passando a folha a assumir a feição de jornal, com cabeçalho, divisão em colunas e quatro páginas. A circulação deixa de ser mensal para tornar-se semanal e o título *Corimbo* aparece em destaque no alto da primeira página.

A redatoria explica que “com a sua primitiva forma reaparece hoje o *Corimbo*, depois de uma longa ausência, deixando de ser publicado como revista mensal” e passando à “existência de folha semanária”,

⁹² CORIMBO, Rio Grande, jul. 1888, a. 3, n. 33, p. 3-4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

vindo a atender “aos desejos de muitos de seus leitores a quem deleita e agrada após os seis dias destinados à faina quotidiana, ao domingo pela manhã” aproveitar um periódico “onde não existem cores políticas; onde sejam desconhecidas as questões pessoais, as mofinas, os editais, as posturas da Câmara Municipal, as seções livres e muitos outros assuntos de interesse próprio”, os quais eram “vulgares à imprensa diária, porém, seriamente abomináveis e nada recreativos”⁹³. Neste sentido, Revocata busca demonstrar que trazia ao público um modelo jornalístico alternativo em relação às publicações então predominantes.

A proprietária do periódico evidencia a manutenção das metas originais da sua folha, afirmando que “o *Corimbo* procurará manter-se naquela mesma esfera de escolhida colaboração com que desde o começo de sua existência buscou corresponder ao fidalgo acolhimento do simpático e generoso público riograndense”. A redatora chama a atenção para o fato de que “embora pigmeu na grande arena jornalística”, o *Corimbo* “não descurará uma ou outra vez aventar sua humilíssima opinião sobre assunto transcidente na atualidade”, desde que “para isso não roube maior espaço às seções literária e noticiosa, cujas formam o seu principal objetivo”⁹⁴.

As tradicionais saudações aos colegas da imprensa, aos colaboradores e aos assinantes não faltam nesta retomada, de modo que Revocata, “com subida honra cumprimenta aos ilustrados colegas que tanto concorrem para o brilhantismo e critério da imprensa

⁹³ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 1.

⁹⁴ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 1.

local”, pedindo que recebessem o *Corimbo* “com a benevolência de sempre”. Ela diz esperar “dos dedicados cultores das letras algumas das roas de sua fecunda inteligência, para poder ganhar o aplauso dos espíritos cultos”, deixando “perfumadas as protetoras mãos das Exmas. Sras. e distintos cavalheiros de quem mereceu e espera continuar a merecer delicado acolhimento”, bem como “daqueles de quem timidamente vem hoje pela primeira vez solicitar abrigo”⁹⁵.

Uma estratégia muito utilizada por diversos jornais, principalmente os pertencentes à pequena imprensa, era o envio de um exemplar, tendo a pessoa que recebeu de manifestar-se caso não quisesse figurar entre os assinantes, foi também usada pela administração do *Corimbo*. Desse modo, a redação clamava “a todas as pessoas a quem enviamos hoje este semanário, o especial favor de, caso não nos queiram honrar com a sua proteção, remetê-lo ao nosso escritório”, avisando “por escrito - porém não nas margens do jornal - o seu nome e morada”. Em relação “aos que assim não procederem consideraremos nossos favorecedores”⁹⁶.

Havia uma novidade que era a inclusão de anúncios, os quais deveriam servir para ajudar no sustento da pequena empresa, com uma estratégia especial para conquista de assinantes, pois para estes “a inserção de seus anúncios será feita gratuitamente neste periódico”. No que se refere “ao público em geral, o preço dos anúncios é em extremo reduzido”. Ficava

⁹⁵ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 1.

⁹⁶ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 3.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

também destacada a garantia de que os antigos assinantes, referentes à época do formato anterior, com a manifesta prevenção de que os “nossos favorecedores, cujas assinaturas pagas adiantadamente não haviam ainda findado seu prazo”, no momento em que “a revista suspendeu a publicação, que, com a nova série do *Corimbo*, serão devidamente indenizados pela falta”⁹⁷.

O sétimo aniversário do “pequeno *Corimbo*” foi novamente motivo de comemoração. O semanário é descrito como “frágil, inábil em face de todos esses combates e arriscadas lutas dadas no ingrato terreno do jornalismo”, no qual, “mesmo os órgãos de publicidade escudados por elementos materiais e sob a poderosa égide de uma reputada mentalidade, sentem-se receosos”. Diante disso, aquele “humilde periódico, temerário lutador esquecido dos perigos e escabrosidades da romagem”, apresentava-se “fitando o norte de suas aspirações” e rogando “um lugar na imprensa dessa heroica província”, ao fazer “inscrever no pórtico de sua pequena tenda de trabalho a honrosa divisa: pela causa das letras pátrias e da instrução popular”⁹⁸.

A redatora lembra que “felizmente a simpatia pública” teria coroado “com particular distinção, mostrando-se assim generosa” e “recompensadora aos grandes esforços e sacrifícios por nós postos em prática, a fim de manter-lhe a existência”. Explica que “está a testar a nossa tenacidade” a duração de seis anos, apesar do sétimo aniversário, tendo em vista que houve “um ano de interrupção, devido a imperiosas circunstâncias

⁹⁷ CORIMBO, Rio Grande, 15 set. 1889, a. 5, n. 1, p. 3-4.

⁹⁸ CORIMBO, Rio Grande, 20 out. 1889, a. 5, n. 6, p. 1.

exclusivamente afetas à nossa pessoa". Saudando os demais jornalistas, os colaboradores e os assinantes, Revocata manifesta ter "fagueiras crenças", as quais poderiam trazer o esquecimento das "passadas lutas, ante a perspectiva de um ambicionado futuro que já agora começa a sorrir-lhe"⁹⁹.

Entre 1889 e 1890, o *Corimbo* atinge uma estabilidade em sua circulação, evitando falhas repetitivas. Na comemoração de mais um aniversário, Revocata de Melo revela que "árdua tem sido a tarefa e quem sabe se não poucas as sirtes deparadas nesta temerária viagem pelo oceano da imprensa em demanda dos portos do futuro". A jornalista diz ter um "dever" diante de seu público, tendo em vista que "o jornal, embora em pequenas dimensões, é indiscutivelmente um facho no seio do povo", pois "encerra sempre um pensamento útil, uma regra de educação, uma página de leitura instrutiva, um conselho, uma lição de moral", entre outros. Ela afirma ter "sobre os ombros uma responsabilidade em extremo séria, um compromisso de honra" para com os seus leitores, vindo a mais uma vez saudar os assinantes, colaboradores e colegas de imprensa¹⁰⁰.

Uma nova etapa sem interrupções ocorre entre 1891 e 1892 e, em outubro deste ano, a redação sublinha as dificuldades do trajeto, ao informar que "entrou o *Corimbo* em seu nono ano de existência", período em que

⁹⁹ CORIMBO, Rio Grande, 20 out. 1889, a. 5, n. 6, p. 1.

¹⁰⁰ CORIMBO, Rio Grande, 19 out. 1890, a. 6, n. 58, p. 1. A edição correspondente ao dia 25 de outubro de 1891, referente ao aniversário do jornal, não faz parte dos exemplares remanescentes.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

passou “vencendo penhascos e cachopos, afrontando mesmo quase que os perigos de um naufrágio”, vindo a ter “sempre a protegê-lo a aceitação pública, a benevolência de seus ilustres colegas e a dedicação e interesse de um grupo de futuros talentos” que vinham “abrilhantando as suas colunas”. A diretora demonstra força para a continuação, dizendo que, “incontestavelmente, sentimo-nos mais avigoradas para as lutas futuras, atendendo a essas eloquentes demonstrações de apreço com que é imerecidamente cercado o nosso semanário”¹⁰¹.

As edições contínuas do *Corimbo* resistiram até mesmo à guerra civil que ensanguentou o Rio Grande do Sul, circulando normalmente durante o primeiro ano da Revolução Federalista. Neste ano de 1893, o periódico completa uma década de existência e Revocata de Melo, prestes a completar 40 anos, percebe que sua obra obtivera certa afirmação e comemora esta conquista, sem deixar de revelar os obstáculos e o momento de dificuldades que o Estado enfrentava:

Completou ontem este semanário o seu
primeiro decênio.

Parece-nos que sustentar uma publicação da ordem do *Corimbo*, em um meio onde as letras não fazem monopólio e longe estão de servirem de profissão a alguém, é incontestavelmente um rasgo de força de vontade.

Tanto mais, havendo nestes últimos tempos, surgido tantos e graves acontecimentos a afetarem os interesses públicos.

¹⁰¹ CORIMBO, Rio Grande, 23 out. 1892, a. 9, n. 103, p. 1.

Dez anos passados sempre com a fé no futuro, com os olhos no marco anelado que alveja além ainda, dez anos de lutas é certo, porém, sem o pesado acompanhamento da indiferença pública.

O *Corimbo* tem indiscutivelmente recebido sorrisos em sua passagem, e embora às vezes a rota lhe tenha parecido menos favorável, logo rasgam-se-lhe os temores, para aparecer-lhe mais claros e vastos horizontes. É não pois, sem um certo desvanecimento, que vimos apontar esta data, onde encontrará o público o mais completo atestado de que o nosso porfiado intento não tem sido infrutífero.

Resta-nos assim, sobraçar uma ânfora de odorosas flores, para deitar às plantas daqueles que nos têm auxiliado em tão empenhado desiderato, curvando-nos agradecidas ante o público rio-grandense, os nossos prezados colaboradores e estimáveis colegas de imprensa.¹⁰²

Mas o agravamento da guerra trouxe efeitos para a imprensa, chegando vários jornais a ter suas edições interrompidas. A falta de exemplares referentes à parte do ano de 1894, à totalidade de 1895 e alguns meses de 1896 não permite observar os escritos de Revocata de Melo a respeito da continuidade da construção de seu *Corimbo* e nem mesmo verificar a existência de avisos quanto a possíveis e prováveis interrupções.

Em outubro de 1896, a folha publicada por Revocata completa mais um ano de existência. Com a exaltação da continuidade e permanência do periódico,

¹⁰² CORIMBO, Rio Grande, 22 out. 1893, a. 10, n. 149, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

revela as características geralmente incomuns entre as publicações literárias e integrantes da imprensa feminina, principalmente no cenário rio-grandino. A redatora declara que “com o número de hoje entra este pequeno hebdomadário no seu 14º ano de existência”, de modo que “no seu gênero cremos que até hoje nenhum outro nessa cidade chegou a atingir esse regular número de anos”¹⁰³.

Diante dessa constatação, a diretora do jornal solicita “perdoem-nos a vaidade, se vaidade há no que acabamos de dizer, porém é certo que o *Corimbo* tem tido uma força de vontade pouco vulgar”. Afirma que “não há, temos certeza, quem se dedicando às letras ignore as lutas que têm a sustentar aqueles que fazem das mesmas a sua profissão”, de maneira que “a existência efêmera da maior parte das publicações do gênero desta são um atestado valioso do quanto avançamos”¹⁰⁴.

Revocata de Melo se mostra radiante com a conquista, a qual servia para ressaltar o valor do feminino na construção das sociedades, exemplificativamente como ela vinha fazendo junto de seu jornal. A proprietária da folha se mostra “jubilosa ao transpor o nosso semanário o seu décimo quarto ano de vida laboriosa e digna”, o que servia para mostrar “aos incrédulos no trabalho da mulher, que ela como o homem pode em querendo empreender, caminhar e vencer obstáculos”¹⁰⁵.

A redatora reconhece “que o *Corimbo* está ainda muito distante do marco desejado”, entretanto, diz que

¹⁰³ CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 1.

¹⁰⁴ CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 1.

¹⁰⁵ CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 1.

“não importa que a estrada a percorrer seja longa e tortuosa, seguiremos em avante, sempre avante”, com os “olhos fitos no templo do futuro que nos alveja ao longe, coração aberto às grandes, às nobres aspirações”. Assim sendo, a proprietária roga que “queria o céu que a felicidade bafeje as belas inteligências que nos têm ajudado a conduzir esse pequeno batelzinho, no mar encapelado da imprensa”, pois, “se no porto que demandamos houver palmas e flores, creiam-nos, serão todas com justiça para os nossos gentis auxiliares”. Em relação a esses, Revocata dedica “um afetuoso aperto de mão”, bem como “para os nossos favorecedores, reconhecimento eterno, para a ilustrada imprensa tão benévolas conosco, um punhado das flores de nossa alma”¹⁰⁶.

As dificuldades continuam a se antepor à caminhada do periódico, como o caso de um “desarranjo dado à última hora nas páginas deste semanário”, o qual impediu a inserção de algumas notícias¹⁰⁷. Esses obstáculos também são abordados por ocasião de mais um aniversário da folha, em outubro de 1897, edição em que a diretora do jornal destaca que “quem conhece de perto o desânimo, após uma porfiada luta que não conseguiu levar-nos ao alto de nossas vastas aspirações”, poderia “compreender quantas vezes ter-nos-emos sentido exaustas” para manter a continuidade de seu jornal¹⁰⁸.

A diretora fala sobre as inconstâncias no caminho do semanário, dizendo que havia “hoje uma refrega

¹⁰⁶ CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 1-2.

¹⁰⁷ CORIMBO, Rio Grande, 14 fev. 1897, a. 14, n. 20, p. 3.

¹⁰⁸ CORIMBO, Rio Grande, 24 out. 1897, a. 14, n. 80, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

assustadora, amanhã a aura bonançosa que anuncia os claros horizontes do porto desejado, logo um cachopo, um fraguedo, e sempre a incerteza pelo termo ambicionado". Em demonstração de experiência, Revocata de Melo lembra que reconhecia "bem o terreno do jornalismo em que pisamos", sendo "relativamente suave em comparação àquele em que se vêm os colegas a braços com os contendores pelas escabrosidades da política", assim ficando "atordoados pelos interesses públicos, no prosaísmo das cifras" e, "enfim, numa multidão de assuntos de responsabilidade"¹⁰⁹.

A proprietária se refere mais uma vez à longa existência que a folha sob sua administração vinha completando, de maneira a garantir "que também existem abrolhos pelas veredas da literatura", de forma que "o Corimbo como o mais antigo órgão das letras do Estado, a despeito mesmo de sua invaliosidade, tem tido rasgos de temeridade, e pugnado com afinco pelo seu fim primordial". Apesar das dificuldades, Revocata relata que "as benéficas auras públicas" não tinham abandonado o seu periódico, "mas, analisando o meio, as condições, os poucos elementos dispensados a publicações de sua natureza", seria "fácil compreender que não terá sido sem uma boa soma de sacrifícios que o temos sustentado"¹¹⁰.

A redatora faz novamente referência ao longo período de existência de sua folha, tanto que chegava ao novo aniversário, percorrendo um "vasto espaço", que constituía "um triunfo em relação à efêmera existência que entre nós contam as folhas literárias", embora

¹⁰⁹ CORIMBO, Rio Grande, 24 out. 1897, a. 14, n. 80, p. 1.

¹¹⁰ CORIMBO, Rio Grande, 24 out. 1897, a. 14, n. 80, p. 1.

lamente “que não nos fosse dada ainda a satisfação de conduzi-lo a um desenvolvimento há tanto almejado”. O encerramento da editora se dá em termos de gratidão, afirmando que “nos cumpre testemunhar ao público a nossa sincera gratidão pelo seu franco auxílio”, além de “cumprimentar a todos os distintos e amáveis colegas que se dignam permutar com o *Corimbo*, e esfolhear flores aos pés dos talentosos colaboradores que têm colorido suas singelas colunas”¹¹¹.

No início de 1898, Revocata de Melo manifesta o desejo de “ir vencendo os revoltosos mares da vida pública, transpondo corajosamente a luta das letras”¹¹². De meados deste ano em diante, o cabeçalho do jornal traz a informação de que a redação da folha a partir de então seria executada não só por Revocata de Melo, mas haveria a participação da sua irmã Julieta de Melo Monteiro.

Apesar da visão esperançosa, nova interrupção veio a obstruir o caminho da folha, tanto que em outubro do mesmo ano, a redatora tem de manifestar-se mais uma vez, dizendo que “reaparece hoje este periódico, depois de uma curta ausência a que foi forçado por motivos imperiosos e que estão no domínio público”. Em seguida, explica o ocorrido, realçando que “imprimindo-se nas acreditadas oficinas do *Trocadero*, que a 7 de agosto do corrente ano foram vítimas de pavoroso e lamentável incêndio”, o qual “destruiu essa bem montada casa, não nos foi possível de pronto, embora empregássemos imediatamente todos os esforços” para “obter a publicação da antiga folha

¹¹¹ CORIMBO, Rio Grande, 24 out. 1897, a. 14, n. 80, p. 1.

¹¹² CORIMBO, Rio Grande, 30 jan. 1898, a. 15, n. 85, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

literária”¹¹³. Importante ressaltar a consciência da jornalista acerca da perenidade do periódico de sua propriedade, ainda mais no que se refere ao seu gênero, não é para menos que ela usa o termo “antiga folha”.

A seguir, Revocata continua justificando a nova falha na circulação, revelando que “depois de dois meses de luta, conhecendo a impossibilidade de alcançar nesta cidade uma empresa tipográfica que pudesse encarregar-se do nosso jornal”, a solução foi “não sem grandes sacrifícios, fazê-lo imprimir na vizinha cidade de Pelotas. Em seguida, a redatora faz referência à necessidade de apoio dos assinantes, afirmando que “se até então necessitávamos do favor público, doravante a necessidade cresce, visto que aumentaram consideravelmente as nossas despesas”, deixando claras as grandes dificuldades na manutenção do periódico¹¹⁴.

A explicação continua, com a especificação de que “a mudança do *Corimbo* para outra empresa, trouxe-nos, além de vários transtornos, o de não nos ser agora possível revisar o jornal”, diante do que pedia “aos nossos prezados colaboradores que nos enviem sempre os seus escritos em letra bem legível”. Ao finalizar a justificativa, Revocata de Melo assegura “aos nossos bons favorecedores que os seus interesses relativos ao *Corimbo* nada sofrerão, pois o tempo de interrupção do mesmo será devidamente descontado”¹¹⁵.

¹¹³ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1898, a. 15, n. 100, p. 1.

¹¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1898, a. 15, n. 100, p. 1.

¹¹⁵ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1898, a. 15, n. 100, p. 1. A falta de exemplares remanescentes impediu a observação dos textos escritos por Revocata de Melo referentes aos aniversários de 1898, 1899 e 1900.

Outra dificuldade que se colocava à frente do jornal era a falta de pagamento de parte dos assinantes, tirando-lhe a sua única fonte de sustento, uma vez que os anúncios, que poderiam representar uma renda alternativa, se tornaram escassos, até desaparecerem. Nesse sentido, a redação publica um “pedido” destinado “aos nossos assinantes de fora que se acham em atraso para com esta empresa, rogamos o obséquio de satisfazerem suas assinaturas o mais rápido possível”, pois “temos compromissos e estas faltas são-nos de todo prejudiciais”¹¹⁶.

Entre avanços e recuos, o *Corimbo* consegue manter-se à passagem do século XIX ao XX e, em 1901, há uma edição especial, impressa em cor diferenciada. Já na abertura, um breve verso, intitulado “Vinte e um de outubro”, serve para agradecer aos demais jornalistas, aos assinantes e aos colaboradores:

Fraterno aperto de mão
Aos colegas e assinantes,
E flores belas, fragrantes,
Às penas que, cintilantes,
Nos dão colaboração.¹¹⁷

No editorial, Revocata inicia relatando as dificuldades ao destacar que “vencendo as asperezas de uma longa jornada, sem estacionar ante os horizontes por vezes carregados, o *Corimbo* presta-se hoje às louçanias do júbilo”, com o objetivo de “rasgar um novo espaço, para prosseguir alentado pelo carinhoso

¹¹⁶ CORIMBO, Rio Grande, 1 junho. 1901, a. 18, n. 164, p. 4.

¹¹⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1901, a. 19, n. 173, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

acolhimento que há dezoito anos lhe tem feito a generosa população” da “hospitaleira e valente cidade, que se impõe como uma das mais radiantes esperanças do tão glorioso e querido Estado do Rio Grande do Sul”. A editora considera que “é certo que um acurado labor, uma persistência tenaz, uma dedicação bem intencionada, dão-nos sempre como recompensa”, ou seja, “como flores a matizarem-nos as escabrosidades da peregrinação, as simpatias das almas puras e os aplausos benévolos dos corações fidalgos e grandes”¹¹⁸.

A redatora manifesta alegria pela data e mais uma vez define o seu periódico, sem deixar de enfatizar a sua já marcada longevidade, ao dizer que “o *Corimbo*, entrando hoje em seu décimo nono ano de existência, embora pequenino, modesto, sem projeções luxuosas, orgulha-se em ser apontado como o único batalhador na imprensa literária”, em meio ao “vasto torrão gaúcho rio-grandense, que há logrado tão largo período de vida”. Revela que o seu jornal “sente-se por isso mesmo, pela singeleza de sua aparência, alentado e feliz, quando a imprensa de além-mar”, bem como “a mais ilustrada de seu belo Brasil, o saúda e acolhe reverente”. E Revocata de Melo promete que continuará na caminhada, argumentando que, pelas “velas pandas, não olhando os sirtes, fugindo aos arrecifes, prosseguirá a sua rota”, permanecendo “embebido em seu sonho astral, embalado pela ilusão – talvez – de alcançar um dia a raia de seu ideal”¹¹⁹.

¹¹⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1901, a. 19, n. 173, p. 1.

¹¹⁹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1901, a. 19, n. 173, p. 1. Os aniversários referentes aos anos de 1902, 1903, que marcava o

Os primeiros anos do século XX foram marcados por novas dificuldades, tanto que, após nova interrupção, o *Corimbo*, em 1905, voltava a abandonar o formato tradicional do jornal, com cabeçalho, três colunas e quatro páginas, para retomar a forma de revista, com capa e contracapa e o conteúdo distribuído por oito páginas, dividido em duas colunas. Além disso, o periódico deixava de ser um semanário para constituir um quinzenário. Revocata de Melo justifica a nova transformação, dizendo que “motivos imperiosos forçaram-nos a suspender temporariamente o *Corimbo*, que hoje reaparece pedindo mil desculpas a seus bondosos favorecedores, pela involuntária falta”. Explica que “do sono a que foi obrigada, desperta esta pequena revista, com a coragem e boa vontade de sempre, procurando agradar ao público que tão generoso tem sido para com ela”¹²⁰.

A proprietária apresenta o novo formato da publicação, declarando que a mesma “apresenta-se com uma nova feição, que lhe parece mais garrida, mais interessante”, desejando que “pensem da mesma forma os seus inúmeros leitores”. Também busca tranquilizar os assinantes, aproveitando “a ocasião para cientificar às Exmas. Sras. e amáveis cavalheiros que se dignam protegê-la com sua assinatura, que seus interesses” ligados “a esta pequena empresa, coisa alguma sofrerão, porquanto as assinaturas pagas adiantadamente terão o devido desconto”¹²¹.

20º ano de existência, e o de 1904 não puderam ser destacados pela falta de exemplares remanescentes.

¹²⁰ CORIMBO, Rio Grande, 20 fev. 1905, a. 22, n. 221, p. 7.

¹²¹ CORIMBO, Rio Grande, 20 fev. 1905, a. 22, n. 221, p. 7.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Segundo Revocata, o novo formato de revista contou com boa aceitação, ao dizer que “mereceu o mais fidalgo acolhimento com a sua nova forma, o nosso quinzenário”, pois “distintos e simpáticos colegas da imprensa local o receberam com a máxima gentileza, tendo nestes dias aumentado a lista de seus assinantes”. Noticia que houve “parabéns por meio de cartões ou pessoalmente”, os quais “foram muitos”. No que diz respeito a esta recepção, declara a editora que “a todos testemunha esta redação os seus sinceros agradecimentos”¹²².

Até mesmo as menores questões tinham de contar com a assistência de Revocata, como foi o caso envolvendo o fato de que, “sendo novo o nosso entregador, é possível que se dê alguma irregularidade na entrega do jornal”, diante do que a redatora roga “aos interessados o favor de avisarem-nos para serem atendidos prontamente”¹²³. As dificuldades quanto aos pagamentos persistiam, tanto que a redação manifesta-se “Aos nossos assinantes”, pedindo “aos favorecedores de fora da cidade, em atraso com suas assinaturas”, que satisfizessem seus débitos “com brevidade, atendendo a que a nossa modesta empresa também tem compromissos, relativamente não pequenos”¹²⁴.

A concentração das atividades nas mãos de Revocata de Melo permanecia, tanto que, por motivo de doença da editora, ocorreu nova falha na circulação do periódico. Era então informado que Revocata “esteve enferma alguns dias, guardando leito” e, sua estima em

¹²² CORIMBO, Rio Grande, 5 mar. 1905, a. 22, n. 222, p. 7.

¹²³ CORIMBO, Rio Grande, 15 mar. 1905, a. 22, n. 223, p. 8.

¹²⁴ CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1905, a. 22, n. 225, p. 8.

meio à cidade ficou demarcada porque “não faltaram pessoas que pressurosas viessem diariamente saber novas da enferma”, mesmo que houvesse naquele momento uma epidemia de varíola atacando o Rio Grande. Dessa maneira, “devido ao motivo de que tratamos acima, ainda este número da nossa revista aparece muito depois do dia designado” e, diante do ocorrido, “dos nossos favorecedores esperamos merecer desculpa por mais essa falta”¹²⁵.

A cobrança aos “assinantes de fora” voltava a ocorrer, como pedido de que os mesmos pagassem suas dívidas, pois a empresa tinha os seus “compromissos a atender”¹²⁶. Inclusive, problemas de doença na família da redatora constituíam fatores que traziam prejuízos ao periódico. Foi o caso da justificativa de Revocata de Melo, segundo a qual “a falta de tempo e de tranquilidade de espírito, diante da enfermidade de nosso prezadíssimo irmão, não permitiram escrever para o último número da nossa revista esta acostumada seção”, referindo-se às “Notas”, segmento que, desde o novo formato, servia de espaço para as manifestações da redação. Diante disso, a editora completa que, uma vez “um pouco mais sossegada, vendo-o melhor, fazemos a diligência de sanar esta falta”¹²⁷.

Apesar dos tantos obstáculos, o *Corimbo* continuava sua caminhada e Revocata de Melo não perde a oportunidade de divulgar mais um aniversário, publicando um número especial e assinando o editorial

¹²⁵ CORIMBO, Rio Grande, 25 jun. 1905, a. 22, n. 229, p. 7.

¹²⁶ CORIMBO, Rio Grande, 11 set. 1905, a. 22, n. 234, p. 8.

¹²⁷ CORIMBO, Rio Grande, 20 set. 1905, a. 22, n. 235, p. 7.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

intitulado “Vinte e um de outubro”, comparando a existência da folha ao ato de navegar:

Larga!... A todo o pano!...

Foram estas as palavras que nos assomaram aos lábios, impulsionadas pela esperança do alvorecer da mocidade, quando há tantos anos, no dia de hoje, o *Corimbo* sulcou as águas fartamente navegadas da imprensa rio-grandense, em sua primeira viagem.

Enflorado em arco, galhardete tricolor a simbolizar a alvura da poesia, o fogo sagrado do amor da arte, e o esmeraldino do pavilhão da pátria, vimo-lo partir, mar em fora, recebendo as saudações gentis da marinhagem que o avistava na ousada rota, desde as barcas de alto bordo, até ao mais pequenino e frágil batel.

Bons ventos o tem acompanhado em seu navegar constante, e, se um ou outro arremedo de tempestade, uma ou outra vez, os seus horizontes têm carregado, têm sido, felizmente, tormentas de verão, fugazes, rápidas, deixando ver logo a bonança com todos os seus painéis esplêndidos. É que a coragem, a fé, permanecem na alma de suas timoneiras; as sirtes, os cachopos a que estão sujeitos os nautas, não as assustam, porque a providência pública, benevolentemente tem desdobrado seu pálio protetor, sobre o pequeno *Corimbo* e um grupo de talentos já sagrados no formoso templo da arte, o tem enchido com as encantadores flores do pensamento e com as harmonias de afinadas liras.

E é por isso que hoje parte de seu bordo uma saudação ruidosa, àqueles que o alindam,

aos que o sustentam materialmente, e aos que navegam pelos mesmos grandiosos mares.¹²⁸

As doenças no meio familiar continuavam a ser um obstáculo à folha, como foi o caso da própria Revocata de Melo, acometida de “séria enfermidade”¹²⁹. Em outra edição era informado “aos leitores” que, “tendo infelizmente continuado enfermo o querido irmão das redatoras desta revista, como é natural tem se dado muitos erros na revisão da mesma publicação”, por motivo da “falta de tempo e tranquilidade de espírito das mesmas, para atender a esse trabalho”¹³⁰.

Na edição de aniversário do *Corimbo* correspondente ao ano de 1906, a proprietária deixa as homenagens especiais por conta de escritores convidados, de modo que a redação só se manifestou a este respeito nas “Notas”, colocadas nas páginas finais da revista. Nessa seção ficava dito que “é de jubilo para nós o dia de hoje, em que o *Corimbo* transpõe mais um marco de sua existência”. Era destacado em relação à folha que “pequenina partícula da imprensa, é certo, a sua vida tem tido lutas e lutas não pequenas”, mas, “não obstante – perdoem-nos os que encontrarem nestas linhas falta de modéstia – não poucos momentos de justa satisfação nos têm ele feito gozar”, por meio das “provas inesquecíveis de apreço e simpatia que tem recebido em sua longa jornada”¹³¹.

¹²⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1905, a. 22, n. 237, p. 1-2.

¹²⁹ CORIMBO, Rio Grande, 12 mar. 1906, a. 23, n. 245, p. 7.

¹³⁰ CORIMBO, Rio Grande, 28 abr. 1906, a. 23, n. 247, p. 7.

¹³¹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1906, a. 23, n. 257, p. 7.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

A expressão “longa jornada” servia mais uma vez para demarcar que Revocata cada vez mais tinha grande noção do triunfo que significava a perenidade de seu jornal. Por esse motivo, afirma que “seria uma indesculpável falta se deixássemos neste momento de agradecer do imo da alma a todos que generosamente nos têm ajudado a conduzir este pequenino batel nos mares procelosos da imprensa”. Há agradecimentos “aos nossos distintos colaboradores, à imprensa que nos recebe benevolamente” e “a todos que com sua assinatura cooperam para a publicação desta revista”, dedicando-lhes “um forte e expressivo aperto de mão”¹³².

Nessa ocasião, a redação informa que o periódico mudaria de empresa impressora, a partir da explicação de que “com a mudança da *Reforma*”, onde até então era impresso, “para a cidade vizinha, passa o *Corimbo* a ser impresso nas acreditadas oficinas do *Artista*, onde temos toda a esperança, terá mais regularidade do que aquela tida nestes últimos tempos”. Essa garantia era considerada como uma “promessa aos nossos bondosos favorecedores”¹³³.

Uma nova falha de pequena duração ocorreu no primeiro trimestre de 1907, foi mais uma vez motivada por enfermidade da editora. No retorno, Revocata de Melo agradecia ao seu médico e a “todas as amigas e mais pessoas que tão cuidadosamente interessaram-se” pelo seu estado de saúde, uma vez que foi “vítima de um acidente que a deteve no leito por alguns dias”¹³⁴.

¹³² CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1906, a. 23, n. 257, p. 7.

¹³³ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1906, a. 23, n. 257, p. 7.

¹³⁴ CORIMBO, Rio Grande, 22 mar. 1907, a. 23, n. 265, p. 8.

Nova interrupção ocorreria em meados do mesmo ano, tendo a redação de manifestar-se, ao informar sobre “a demora no aparecimento do *Corimbo*”, o qual “nestes últimos tempos só com muita irregularidade visita os seus inúmeros leitores”, sem expressar o motivo dessas falhas¹³⁵.

Mesmo com tantos percalços, o jornal chegava a mais um aniversário em outubro de 1907, diante do que Revocata declara que “na sua peregrinação pelos arraiais da imprensa, o modesto *Corimbo* transpõe hoje mais um marco”, levando “ainda desfraldada a esmeraldina bandeira da esperança”. Afirma que o periódico “não esmoreceu no combate travado com a indiferença de uns, a má vontade de outros e a ignorância de muitos”, aqueles que “não compreendem a soma de sacrifícios e decepções com que tem de arcar uma empresa da ordem do *Corimbo*”, que possuía “a coragem precisa para chegar ao seu 24º ano de existência”¹³⁶.

A editora, fazendo uma analogia com uma joalheria, volta a definir as características de seu periódico, definindo-o como “singelo, sem atavios de arte, mas encerrando em seu seio por muitas e muitas vezes, pérolas de raro valor, diamantes da mais pura água, safiras de elevado preço”, bem como “o pequeno lutador”, que “não pode deixar de orgulhar-se da sua existência que malgrado o desejo de alguns não tem passado tão ignorada como pensam”¹³⁷. Essa passagem revela que, além das dificuldades tradicionais, Revocata já começa a enfrentar pessoas que duvidavam da

¹³⁵ CORIMBO, Rio Grande, 23 jun. 1907, a. 23, n. 268, p. 7.

¹³⁶ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1907, a. 23, n. 273, p. 1.

¹³⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1907, a. 23, n. 273, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

capacidade de seu jornal, passando a buscar provar exatamente o contrário.

Nessa mesma ocasião, a proprietária declara que “a despretensiosa revista tem caminhado muito e sido carinhosamente recebida em todos os recantos da sua pátria e ainda no estrangeiro”, fazendo referência aos intercâmbios. A respeito da chegada da folha em outros países, informa que o impresso apareceu “na gloriosa terra dos lusos, no berço encanto de Petrarca, no maravilhoso torrão de Victor Hugo e nas florescentes repúblicas do Prata”¹³⁸.

Cheia de esperança, a editora acredita que o *Corimbo* “vai, e segue ainda, e caminhará quem sabe até quando, porque as suas forças não estão esgotadas”. Em sentido figurado, tece comparações, afirmindo que “quantos cedros gigantescos no mundo da imprensa terão baqueado durante o período de existência do pequenino arbusto”, voltando a interrogar e exclamar – “quantos?!”¹³⁹.

Revocata completa a ideia da perenidade, frisando que “ele sempre ousado, sempre intemperato, sempre audaz a prosseguir...”. Ainda na manifestação por ocasião do aniversário, a redatora declara que “abençoados sejam aqueles que o amparam, quer materialmente, quer com a luz fulgurante de seu talento”, pedindo que “aceitem essas generosas almas as flores do nosso profundo reconhecimento”. Nessa oportunidade, dedica “amistosas saudações aos colegas”¹⁴⁰.

¹³⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1907, a. 23, n. 273, p. 1.

¹³⁹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1907, a. 23, n. 273, p. 1.

¹⁴⁰ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1907, a. 23, n. 273, p. 1-2.

Houve repercussões quanto a mais este aniversário da folha, tanto que a redação manifesta “imensa satisfação” por ter visto “esse dia lembrado e saudado por muitos de seus amáveis leitores”, imprensa local, e “pela maior parte daqueles que concorrem com as luzes da sua inteligência”, no sentido de “que viva e seja grandemente apreciada a modesta publicação”. Por esse motivo, oferece “a todos que tão delicadamente prestaram culto ao aniversário da nossa revista, um ramalhete das flores do nosso coração agradece”¹⁴¹.

Apesar de todas estas expectativas positivas, o *Corimbo* veio a enfrentar uma de suas maiores crises com uma interrupção bastante grande. A situação foi agravada com a morte de um dos irmãos da editora. A retomada só ocorre em 1913, com o abandono do formato de revista e a volta da tradicional forma dos jornais, com cabeçalho, colunas e quatro páginas. A redação reiniciava a contagem, com o número “1” e anunciava, também no cabeçalho, uma “Nova fase”. Quanto à circulação, o periódico continuava a ser anunciado como uma “publicação quinzenal”. Revocata, bem próxima de tornar-se uma sexagenária, tinha de dar mais uma guinada em relação à sua obra, mostrando-se plenamente disposta a manter sua proposta editorial.

A nova fase é apresentada por Revocata de Melo ao afirmar que “circunstâncias de vulto forçaram-nos a suspender a publicação d’*O Corimbo*”, mas, diante disso,

¹⁴¹ CORIMBO, Rio Grande, 30 nov. 1907, a. 23, n. 274, p. 6-7. A interrupção que se segue a este período e/ou a falta de exemplares não permitem observar manifestações sobre os aniversários do periódico referentes aos anos de 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

diz que nunca imaginara “que este modesto caminheiro, que tantos anos labutou na imprensa gaúcha”, tivesse o “seu reaparecimento orlado pelos lírios da dor e pelo luto das lágrimas”. Em linguagem poética, a autora destaca que “na galeria branca da felicidade de um lar, onde irradiava o amor fraternal, numa invejável trindade de afetos”, o periódico “soltava as velas ao arfar da esperança, no culto fervente da arte e seguia bizarro, cortando distâncias, acolhido aqui e ali, afagado, aceito no santuário dos lares” e “enflorado pela fidalga coadjuvação do público sulino”¹⁴².

A redatora revela que o periódico estava inerte, mas não morrera, de modo que “durante sua involuntária paralisação passou na paragem íntima, onde contava o berço, de onde soltava as asas, de onde alava-se”, ao passo que “a tempestade da morte, derrubando uma existência adorada, como se abatesse árvore formosa, altiva, rica de flores e perfumes”. Explica “naquele santuário da família, de onde o *Corimbo* recebia a vida espiritual”, fez-se “uma noite escura, tristíssima, amargurada”, ficando “as suas desoladas redatoras como estátuas da dor, a olhar o vácuo imenso, profundo, de onde desaparecera para sempre o irmão adorado”, o qual “lhes estendia os braços em união carinhosa e protetora, iluminando com o seu olhar de imaculado afeto aquelas almas, para quem erguera-se um calvário eterno”¹⁴³.

Em referência ao título do periódico, Revocata diz que naquele dia “o *Corimbo* reenceta a sua ramagem, mais vacilante, talvez mais tímido”, pois “falta-lhe o

¹⁴² CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1913, nova fase, n. 1, p. 1.

¹⁴³ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1913, nova fase, n. 1, p. 1.

impulso da crença e da esperança que os abatidos corações de suas redatoras não lhe podem inflar”, também “falta-lhe o calor vivificante da ideia, a seiva do sonho e da aspiração”. Ainda manifesta o desejo de que “possam seus colaboradores emprestar-lhe uma vida exuberante, possam enflorar-lhe as colunas, discipliná-lo galhardamente para as pugnas do espírito”, bem como “torná-lo um expoente de brilhante fibra”¹⁴⁴.

Em relação ao “simpático e generoso público deste formoso Estado gaúcho”, aos “lares esclarecidos onde o amor às letras palpita docemente, suavemente”, a editora da folha manifesta a expectativa de que estes acolhessem o periódico, “como fizeram em tempos passados, permitindo-lhe voos seguros e amplos”. No final do editorial, Revocata saúda seus companheiros de imprensa, ao dedicar “aos apreciados e distintíssimos colegas, afetuosa curvatura do pequeno e frágil confrade”¹⁴⁵.

O período que se segue ao estabelecimento dessa nova fase é de certa estabilidade em termos de circulação. Nesse momento, os anúncios voltaram a ocupar as páginas do periódico, trazendo consigo mais uma forma de arrecadação para a empresa. Em outubro de 1915, o editorial denominava-se “Novo marco” e nele era relembrado que o *Corimbo* entrara “em nova estação de vida”, vindo a assinalar “mais um marco na sua já bem longa peregrinação”¹⁴⁶.

¹⁴⁴ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1913, nova fase, n. 1, p. 1.

¹⁴⁵ CORIMBO, Rio Grande, 1 out. 1913, nova fase, n. 1, p. 1-2.
Não há exemplares disponíveis referentes ao aniversário do periódico no ano de 1914.

¹⁴⁶ CORIMBO, Rio Grande, 30 out. 1915, nova fase, n. 48, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Em comparação figurada com a arte náutica, a redação afirma que o jornal “vai rumo ao ideal da arte, mas suas frágeis timoneiras levam-no sob os nevoeiros de uma impressão, que por vezes torna-lhe os horizontes carregados”. Os colaboradores eram saudados, mantendo a perspectiva náutica, com a afirmação de que “só à manobra da maruja auxiliar, da maruja que o engrinalda de rosas, com a sua colaboração cintilante, entram clarões e alvoradas pela rota que prossegue intemerato”¹⁴⁷.

A linguagem marinheira é mantida para saudar os leitores, ao citar “as auras bonançosas com que o favor público cerca-lhe a viagem, o tem encorajado para as duras incertezas da existência, enfunando-lhe as velas”. A redação aponta que naquele momento em que o jornal “transpôs um novo marco”, o periódico “cordialmente cumprimenta os distintos colegas, agradece penhorado àqueles que gentilmente o visitam, lança flores aos talentos que lhe esmaltam as colunas e estreita as mãos aos que lhe servem de base” e “aos que o auxiliam materialmente” e, em resumo, “a todos a sua bandeira acena em leal saudação”¹⁴⁸.

Uma edição especial, com um aprimoramento gráfico, é dedicada ao aniversário do periódico em 1917, com o editorial intitulado “Mais um marco”, que enaltecia longevidade do periódico. Segundo o editorial, “o Corimbo vence hoje nova estação de existência, corta uma plaga adiante, alcança mais um pedaço de

¹⁴⁷ CORIMBO, Rio Grande, 30 out. 1915, nova fase, n. 48, p. 1.

¹⁴⁸ CORIMBO, Rio Grande, 30 out. 1915, nova fase, n. 48, p. 1.
Quanto ao ano de 1916, não há exemplares remanescentes referentes ao aniversário do *Corimbo*.

horizonte” e, mesmo “modesto, pequenino, orgulha-se ao ser apontado como o único lutador na imprensa literária deste querido e altivo Estado gaúcho, que há logrado um tão largo período de vida”¹⁴⁹.

A respeito da longa existência, a redação lembra que o jornal “tem conhecido todas as mutações, todos os cenários que se desdobram aos andarilhos da imprensa, com as cores das tempestades que aterraram” e também “com as flores radiantes do quadro das primaveras da vida”. Sinaliza que o periódico “por muito tempo caminhou levado por um sonho astral, embalado pela fé, encorajado para chegar à raia de seu ideal”, entretanto “os voos de condor são dados só aos soberanos dos ares e do pensamento”¹⁵⁰.

Ao revelar as tristezas com que as redatoras vinham convivendo, o editorial diz que “o *Corimbo* tem se librado em uma relativa esfera; as suas timoneiras”, ainda que “reverentes junto ao altar da arte, tendo tido apagadas todas as estrelas que lhes enchiam de amenas claridades, os incertos caminhos da existência, chamaram-se a um voluntário retiro”, bem como “fizeram-se cenobitas da dor e da saudade e deixam-no seguir à mercê das auras bonançosas com que o envolvem os espíritos benévolos, os espíritos grandes, os espíritos belos”. Desse modo, em relação ao público, a redação diz que o periódico permanecia “a caminhar sob a doce impressão do vosso generoso aplauso, do vosso confortante acolhimento, patrícios e estrangeiros a quem saúda em gratíssima curvatura nesta sua data natalícia”. Além disso, a redação afirma que “aos seus

¹⁴⁹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1917, nova fase, n. 94, p. 1.

¹⁵⁰ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1917, nova fase, n. 94, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

colaboradores almeja rosas e rosas” e “aos colegas, todas as prosperidades”¹⁵¹.

Nos anos que se seguiram, o número de anúncios diminuía cada vez mais, bem como as falhas na circulação voltavam a ficar mais evidentes, tanto que foi publicado um aviso denominado “aos nossos assinantes”. Na nota, a editora pede “infinitas desculpas pelas contínuas faltas dadas com o aparecimento do *Corimbo*, sempre em datas indeterminadas”, justificando que “essas irregularidades são inteiramente alheias à nossa vontade, pois tudo envidamos pela ordem do mesmo”¹⁵².

Nova interrupção acontece ao final do ano de 1918, em plena ação da epidemia, conhecida como “gripe espanhola”, tanto que a editora publica nota dizendo que “aos nossos benévolos assinantes solicitamos infinitas desculpas pelas irregularidades havidas com estes últimos números do *Corimbo*”. Para tanto, explica que as “faltas tiveram como poderosa causa a enfermidade reinante, que não só atingiu às suas redatoras, como aos empregados da *Casa Mignon*, onde é trabalhado este quinzenário”¹⁵³.

As cobranças aos favorecedores voltam a acontecer em 1919, com o aviso “aos assinantes de fora”, no qual a redação rogava “àqueles em atraso com esta empresa, a bondade de satisfazerem suas assinaturas, atendendo a que o *Corimbo*, embora pequeno, tem

¹⁵¹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1917, nova fase, n. 94, p. 1.

¹⁵² CORIMBO, Rio Grande, 15 ago. 1918, nova fase, n. 114, p. 3.

¹⁵³ CORIMBO, Rio Grande, 30 nov. 1918, nova fase, n. 119, p. 3.

Não há exemplares remanescentes referentes ao mês de aniversário do ano de 1918.

compromissos inadiáveis”¹⁵⁴. Esta cobrança volta a ser publicada na edição seguinte¹⁵⁵. O número de anúncios continuava a escassear e, por vezes, simplesmente inexistia.

Uma grande crise atinge o *Corimbo* ao longo da década de 1920, com interrupções na circulação¹⁵⁶. As dificuldades se agravaram mais a partir de 1928, com a morte da irmã, parceira e corredora do periódico, Julieta de Melo Monteiro. Somente depois de dois anos deste falecimento, Revocata encontra forças para retomar o *Corimbo*. Em homenagem à irmã, aparecia no cabeçalho – “Fundadoras: Revocata H. de Melo e Julieta de Melo Monteiro”. Não contando mais com a parceira de trabalho, a criadora do periódico, altruisticamente, resolve dividir com a irmã a fundação do jornal.

Ainda que a partir dessa retomada a redação insistisse na distribuição quinzenal e no cabeçalho aparecesse “publicação bimensal”, a distribuição, na prática, foi limitada a um número por mês. A circulação manteve-se razoavelmente estabilizada neste patamar mensal, na década que se seguiu ao ano do retorno, 1930, com uma ou outra falha na frequência da folha. Desde então, os anúncios foram suprimidos, representando uma perda da parcela de renda de sustentação da publicação. Os impedimentos de Revocata continuavam

¹⁵⁴ CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1919, nova fase, n. 128, p. 3.

¹⁵⁵ CORIMBO, Rio Grande, 30 abr. 1919, nova fase, n. 129, p. 3.

Não há entre os exemplares remanescentes o referente ao aniversário de 1919.

¹⁵⁶ A partir de dezembro de 1919, só aparecem dois exemplares remanescentes de toda a década de 1920, um de 15 de setembro de 1920 e outro de 31 de maio de 1924.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

a ser um fator de dificuldades nas edições, como foi o caso em julho de 1930, quando o expediente da folha ficou “incompleto, por motivo de enfermidade da diretora deste quinzenário”. Por esse motivo, a editora pedia “desculpas, procurando sanar a falta logo que nos seja permitido”¹⁵⁷.

O primeiro aniversário depois da retomada é comemorado por Revocata de Melo com um editorial que, já no título, dava a ideia da força de vontade para manter a circulação do periódico - “Perseverando...”. Neste sentido, a editora afirma que “nem sempre os fortes são os mais constantes na luta”, pois é “a coragem que não conhece dimensões”, de modo que “um ideal abraçado com fé, faz com que prossigamos a jornada, embora por muitos caminhos ásperos, cheios de sinuosidades”¹⁵⁸.

A editora diz que daquele modo tinha sido a caminhada do “Corimbo, que transpõe hoje novo marco de existência”. Ela destaca os colegas de jornalismo que tinham ficado para trás ao longo do tempo, lembrando que “quantos e quantos lutadores na arena do periodismo gaúcho, e em muitas outras searas do jornalismo pátrio, em meio vivamente intelectuais, têm recuado” e “desaparecido, embora na aparência demonstrando outra força, outros recursos, respirando sob mais amplos horizontes”. Enquanto isso chama a atenção para um jornal fundado por uma mulher e que se mantinha por longa data, se referindo ao periódico que “lançado à publicidade por frágeis mãos de mulher

¹⁵⁷ CORIMBO, Rio Grande, jul. 1930, nova fase, n. 347, p. 4.

¹⁵⁸ CORIMBO, Rio Grande, out. 1930, nova fase, n. 350, p. 1.

ainda no primeiro dealbar da juventude, venceu, olhando hoje em seu caminho, quatro decênios”¹⁵⁹.

A jornalista considera ser “justo” o seu “desvanecimento, encarando o vultuoso acervo de carinhos e homenagens, com que os nobres e bons” vinham fortalecendo o jornal “para as agruras da rota”. A ausência da irmã era lembrada, apontando que “dolorosamente olha sua tenda de trabalho, despida do brilho que lhe emprestava o belíssimo espírito, a energia indiscutível de sua querida” Julieta, “– hoje no país dos justos – sempre ao lado de sua atual redatora, esforçando-se pela marcha do pequeno obreiro, com tanto afeto mandado à vida errante de folha pública”. Para concluir, a proprietária diz que naquele dia “o *Corimbo* busca lá fora as lindas joias da primavera para pôr as plantas de seus amigos e colegas”, indo “buscá-las em mais felizes centros, porque em seu albergue, não há flores”¹⁶⁰. No número seguinte eram relatados os cumprimentos pelo aniversário¹⁶¹.

Na edição de outubro de 1931, Revocata de Melo opta por associar a comemoração do aniversário da folha com uma homenagem à falecida irmã Julieta Monteiro, cujo natalício era exatamente na mesma data. A primeira página era dedicada à Julieta, e o editorial dizia que “o *Corimbo* vem em seu dia, vestindo o violáceo da saudade, dentre a penumbra em que vai pela rota da existência, render homenagem grandemente devida à sua ex-redatora”, descrita como um “espírito querido, que lhe deu todo o fulgor de sua infatigável

¹⁵⁹ CORIMBO, Rio Grande, out. 1930, nova fase, n. 350, p. 1.

¹⁶⁰ CORIMBO, Rio Grande, out. 1930, nova fase, n. 350, p. 1.

¹⁶¹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1930, nova fase, n. 351, p. 4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

mentalidade, toda a energia de sua têmpora de lutadora de fibra” e “toda a caudal de harmonias de que era fértil sua alabastrina lira consagrada por muitos espíritos de eleição”¹⁶².

A associação entre a personagem familiar e colega e o próprio periódico era ressaltada na exaltação do dia “21 de outubro”, considerado como “data de dois relevos adentro deste pequeno templo, de culto ao amor e à arte, hoje transformado em tebaida, onde se pontifica a saudade e a dor”. Essa data é vista como o “dia natal da cantora de ideais alados”, mas também como a do “aparecimento deste quinzenário no grande mar da imprensa nacional, como pequenina concha a boiar, incerta, tímida”; vindo a ter “o impulso decidido das mãos firmes das irmãs, de pensamento sempre unido, cujos nomes no alto da pequena folha, modestamente a amparam”. Revocata lastima que aquela data já tivera “auroras de sedutores arreboís” e “estações percorridas pelos halos de acesas esperanças”, mas agora “só a recordação fica de pé”¹⁶³. Mais uma vez na edição seguinte eram apresentados os cumprimentos pela data¹⁶⁴.

Em 1932, no número referente ao aniversário da folha, Revocata de Melo mais uma vez invoca a passagem do tempo, no editorial denominado “Na reta do caminho”. Segundo ela, “o *Corimbo* tem perseverado e com isto merecido um acolhimento de justiça dos que sabem e podem avaliar de suas lutas no terreno público”, passando por mais um ano “em seu diário de

¹⁶² CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1931, nova fase, n. 362, p. 1.

¹⁶³ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1931, nova fase, n. 362, p. 1.

¹⁶⁴ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1931, nova fase, n. 363, p. 3.

existência”, estando “já timbrado pela honrosa mão do tempo em decênios vencidos”. A editora afirma que não tinha “sido possível atingir a escala ideal”, mas o jornal “tem sabido dar um exemplo de firmeza, de coragem, de abnegação às lides de imprensa”, capaz de manter o “sonho ardente de concorrer com seu pequeno contingente intelectual para as letras do querido torrão gaúcho”¹⁶⁵.

Além de observar o fim de vários jornais na época em que o *Corimbo* sobrevivia, Revocata mais uma vez dá destaque ao papel da mulher à frente da execução daquele tipo de atividade. Dessa maneira, diz a respeito do periódico que “o padrão de seu hercúleo esforço está no desaparecimento de muitos e muitos de seus colegas, sendo que não poucos no brilho de um aspecto prometedor dando a ideia de fortes alicerces”. Afirma que “tem o *Corimbo* a indiscutível demonstração de que o pulso da mulher também pode firmar, dirigir, encaminhar, mesmo em face de tropeços, de entraves”. Era mais uma vez lembrada e lamentada a morte de Julieta de Melo, com a declaração de que em “pesado luto” permaneceria a folha até que “desapareça com sua atual diretora”¹⁶⁶. Na próxima edição eram citados os tantos “testemunhos de amizade e apreço” para com o jornal e sua proprietária¹⁶⁷.

Uma falha, embora breve, foi apontada pelo periódico, em agosto de 1933, mais uma vez causada por problemas de saúde da editora. Neste sentido, era avisado “aos interessados” que “a direção do *Corimbo*

¹⁶⁵ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1932, nova fase, n. 374, p. 1.

¹⁶⁶ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1932, nova fase, n. 374, p. 1.

¹⁶⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1932, nova fase, n. 375, p. 3-4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

pede infinitas desculpas a seus benévolos assinantes, pela falta do mesmo quinzenário” no “mês passado, o que teve por motivo tão somente o estado de enferma de sua proprietária e redatoria”. Ao final, Revocata dá boas notícias, informando que já se encontrava “em melhores condições de saúde”¹⁶⁸.

Prestes a completar a idade de 80 anos, Revocata de Melo tem a oportunidade de observar mais um aniversário de seu jornal, e não era uma data qualquer, era o seu cinquentenário, levando em conta a data de fundação. Com o título “O nosso dia (21 de outubro)”, a proprietária da folha lembra do longo percurso até ali aqueles dias e demarca que o periódico continuava avançando no tempo, à medida que vários de seus colaboradores tinham ficado pelo caminho:

Todos nós temos na vida escarpas e cendais de flores.

Ai daquele, porém, que ao rasgar de caminhos, escudado numa esperança vivamente alentadora, sente-se de chofre envolto nessa áspera estamenha da mágoa, da mágoa que fica a roer, o gangrenar o âmago da alma.

Assim o *Corimbo*, ao dealbar deste dia – 21 de outubro, todo em aparência de verdadeiro corimbo – cacho de expressivas flores, fez sua entrada pelos largos pórticos da imprensa sulina.

Já lá vão tantos e tantos lustros, recuados nesse volver incessante dos tempos. E o romeiro, vacilante por vezes, porém sempre de ânimo forte, seguia sob a égide de uma crença, que era

¹⁶⁸ CORIMBO, Rio Grande, ago. 1933, nova fase, n. 383, p. 3.

como um sol varando tenebras – muitas vezes imaginárias.

E assim caminhava...

Até que a fatalidade num arranco brutal da extinção desoladora, levou-lhe um espírito de notada irradiação que fortemente o auxiliava nessa luta da vida, dando-lhe toda formosura de seu estro, toda pujança de sua pena de artista do belo – Julieta de Melo Monteiro.

A invencível garra da morte arredou-a de seu posto de honra nesta redação, há já quase seis anos.

Desde então, o *Corimbo* acredita sempre nebulosos seus espaços.

Não pode, no entanto, esquecer, deixar neste seu dia adormecer a gratíssima reminiscência de que suas modestas colunas foram um dia nimbadas [por] ilustres e consagradas penas (...)

Hoje, conta o *Corimbo*, ainda para honra de suas páginas, fulgurações de destaque, cintilas de vocações e méritos.

A esses a gratidão que não arrefece, a gratidão que se converte em bronze.

Aos distintíssimos colegas de imprensa, um afetuoso aperto de mão, bem como aos benevolentes auxiliares na continuação da jornada.¹⁶⁹

Como era de praxe, as comemorações do cinquentenário do *Corimbo* receberam muitos cumprimentos¹⁷⁰. Logo na passagem de 1933 ao ano

¹⁶⁹ CORIMBO, Rio Grande, out. 1933, nova fase, n. 385, p. 1.

¹⁷⁰ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1933, nova fase, n. 386, p. 4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

seguinte ocorreu nova falha de um mês, novamente por causa de males que acometiam a saúde da editora. Como ela mesma justifica, “motivada por enfermidade da proprietária deste quinzenário, deixou o mesmo de aparecer em janeiro” de 1934, mas garante que, “atendendo, porém, ao cavalheirismo assaz demonstrado de seus benévolos assinantes, é de crer que a falta lhe seja francamente relevada”¹⁷¹.

“Nosso dia” foi o título do editorial referente ao aniversário de outubro de 1934 e Revocata revela que “o *Corimbo* segue como sempre, à sombra de um mesmo ideal, de uma mesma aspiração, qual seja a de concorrer com um pouco de argila para o templo da imprensa periódica” e “se pontifica em louvor as letras gaúchas”. A proprietária da folha explica que a escolha da data de fundação do periódico fora proposital para coincidir com o aniversário da irmã, Julieta de Melo, vindo a lamentar que “tudo se foi...”, pois “a correnteza áspera, fervente, da impiedosa morte fez calar tanto encanto, tanto amor”¹⁷².

Apesar das tantas dores, a redatora não dá sinais de desistência, afirmando que “o lutador prossegue mesmo sem alegrias”, pois “a esperança é um bom arrimo”, sendo “possível que não se deixe ele naufragar, embora sem a fanfarra das coisas alegres”. Diante das dificuldades, o periódico continuaria “repetindo o já disse pela palavra de outrem – ‘quem luta vence, quem caminha para a luz do espírito não pode fraquear’”. Mais uma vez saúda “aos colegas e aos que nobremente o

¹⁷¹ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1934, nova fase, n. 388, p. 4.

¹⁷² CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1934, nova fase, n. 396, p. 1.

auxiliam para o alcance de novas etapas, flores e felicidades”¹⁷³.

Mesmo diante do pensamento esperançoso, os problemas continuam a ser registrados, como o aviso de que “devido a imperiosas circunstâncias, só para o próximo número virão notícias tantas a deverem ocupar este *Corimbo*”. Era apontado que no *Corimbo* passado ocorreram erros “em abundância”, que “nem podemos saber qual o descuido tão forte” foi cometido “pelo compositor”¹⁷⁴. Na edição de novembro estavam em destaque as “confortantes homenagens” ao natalício do jornal¹⁷⁵.

O peso da idade parecia cada vez mais afetar Revocata de Melo, tanto que o jornal teve outra interrupção, essa de dois números, em meados de 1935, motivada pela “enfermidade da redatora do *Corimbo*”, que passou por “dois meses de dolorosa doença”, os quais deram “margem a que tenha estado este quinzenário paralisado”. Entretanto, “graças à imensa benevolência dos seus assinantes, foi esta emergência recebida pelos mesmos, sob toda a demonstração de gentilezas” e “prolongadas até” que se desse “o restabelecimento da saúde”, embora o mesmo “de todo não se operou ainda”. A editora aproveita a ocasião para agradecer ao médico e às pessoas, colegas de imprensa e entidades que manifestaram preocupação com suas condições¹⁷⁶.

¹⁷³ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1934, nova fase, n. 396, p. 1.

¹⁷⁴ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1934, nova fase, n. 396, p. 4.

¹⁷⁵ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1934, nova fase, n. 397, p. 3-4.

¹⁷⁶ CORIMBO, Rio Grande, set. 1935, nova fase, n. 403, p. 4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Mesmo diante da dificuldade, Revocata persiste na missão que atribuíra a si mesma e, no mês seguinte à sua doença, já comemora novo natalício do *Corimbo*, com o editorial “Ainda uma escalada”. Neste artigo, ela se dispõe a prosseguir, com a afirmação de que “vamos a novos sacrifícios, mas também à nova esperança de que o modesto” jornal “continue a viver dentre o arminho da alma gaúcha”. Diz também que “a perseverança há sido o alvo para a rota seguida”, de maneira que “um outro marco de vida é plantado hoje”¹⁷⁷.

Declara a editora que o seu periódico atingia vários segmentos da sociedade, ou seja, era um “romeiro da imprensa” e “todas as classes sociais o têm acarinhado”, pois, “se o artista, o operário, estendem-lhe as mãos francas, dignificadas pelo trabalho, o industrial, o comerciante, recebem-no sorridentes”; bem como “o homem de gabinete, o mestre, o médico, o advogado, incluem-no às publicações escolhidas para seus lares”. Isso também ocorria com “o poeta, o escritor, o jornalista, espíritos vestindo sempre a clâmide do ideal” e que “não deixam de abraçá-lo, enlaçando uma flor a seu bordão”. E completa a ideia, afirmado que “esta felicidade, desde seus primeiros passos na arena da publicidade foi-lhe dada a receber como prêmio que encoraja”¹⁷⁸.

Novamente não era esquecido que “o crepe da morte” lembrava “a perda cruciante” de Julieta de Melo, a qual dera “ao Corimbo muito de seu erário de letras”. A redatora diz que “lamenta o aniversariante não contar em seu natal com um daqueles jardins mágicos”, que

¹⁷⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1935, nova fase, n. 403, p. 1.

¹⁷⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1935, nova fase, n. 403, p. 1.

serviam “para encher de rosas e rosas, de palmas e palmas, os lares dos amigos, colegas, dos que auxiliam-no a arredar as pedras do caminho” e “dos que fazem de suas páginas um engaste de pérolas”¹⁷⁹. No número posterior, o “quinzenário, ao marcar mais uma etapa”, foi objeto de “sensíveis obséquios”¹⁸⁰.

Entre esperanças e incertezas e “horizontes escampos ou tormentosos”, Revocata se vê na obrigação de responder a um artigo publicado na imprensa riograndina, redigido por alguém sob o pseudônimo de Antônio Racfel, o qual tentava atingir um escritor local, Rúbio Brasiliano, cuja carreira passara pela colaboração no periódico por ela editado, o qual foi mencionado pejorativamente. Diante da citação do “modesto *Corimbo*, o bisonho gatafanhador de páginas cabeludas e lamechas”, a redatora redige um “Protesto”, buscando mostrar as qualidades da folha. Ela diz que poderia até “concordar com o nenhum valimento do *Corimbo* em sua direção, mas relativamente à modéstia de suas colunas, não”, pois “elas têm recebido verdadeiras fulgurações” e “joias de mentalidades consagradas”, passando a citar o nome de vários dos colaboradores, com a ressalva que “triplicada seria a nominata se não houvessemos lembrado apenas nomes de autores de obras publicadas”¹⁸¹.

Em seu “Protesto”, a editora destaca ainda que, “dos novos, daqueles que trazendo a dupla coroa da mocidade e do talento, estão galhardamente na liça, tem o *Corimbo* merecido valores, demonstrações de honra”. A

¹⁷⁹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1935, nova fase, n. 403, p. 1.

¹⁸⁰ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1935, nova fase, n. 404, p. 4.

¹⁸¹ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1936, nova fase, n. 406, p. 1-3.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

resposta chega a citar trechos da acusação, marcados em itálico, como ao afirmar que “o *Corimbo* nunca abrigou em suas colunas *páginas cabeludas ou lamechas*”, pois, se assim fosse, não contaria tantas apreciações, até mesmo de fora do país, como no caso da publicação francesa *La Fronde*. Argumenta que “ao *Corimbo* não faltam generosidades de mérito” se o seu difamador “folheasse as importantes obras de Ana de Castro Osório, *A Grande Aliança, Renovação*, de Maria Lacerda de Moura, *Evolução do feminismo*, de Mariana Coelho, compreenderia quanto as colunas do *Corimbo* são *modestas*”, além de uma conferência proferida pela poetisa Ana Amélia de Queiroz Mendonça, no Instituto Histórico e Geográfico sobre prosadoras e poetisas brasileiras, na qual “alude ao quinzenário em questão, dizendo: ‘*Corimbo*, periódico de grande brilho’”. Em conclusão, Revocata afirma: “muito teríamos ainda a tornar saliente a razão de nosso ‘Protesto’, porém, já dissemos o bastante, a dar eloquência a nossa afirmativa de que as colunas do *Corimbo* têm tido irradiações”, e “nunca tiveram presas a si, plantas incultas, dessas que sobem pelos muros, porque não podem chegar às jarras das salas”¹⁸².

A perspectiva da continuidade tornava-se predominante em outro aniversário, desde o título do editorial “Seguindo...”, em que a proprietária já abre dizendo que “o *Corimbo* há sido um vencedor”, ou seja, “um vencedor sem arrebatamentos populares de impulso entusiasta, mas um vencedor de décenios em lutas relativamente pesadas para seu aparente vulto frágil”. Revocata lembra que “as aparências iludem” e “os mais ágeis, mais firmes não são os mais possantes na

¹⁸² CORIMBO, Rio Grande, jan. 1936, nova fase, n. 406, p. 3.

forma”, de maneira que “quase sempre o caminho ideal é alcançado pela energia, pela coragem, pela perseverança”¹⁸³.

A redatora focaliza que “o *Corimbo* não há vestido pompas”, pois “sua armadura, sem que haja mostrado o brilho do aço fino, tem, no entanto, merecido atenção de altos espíritos”. Prosseguindo, explica que “em compensação ao modesto exterior, guardam suas páginas valiosas joias de arte, de imaginação, de riqueza espiritual”, de forma que “os belos garimpeiros da ideia generosamente hão dado às colunas” do periódico “muitos dos frutos de seu adorável labor”. Além de saudar os jornalistas, colaboradores e assinantes, Revocata destaca “os tantos romeiros da arte que deixaram de seu estro e de sua pena traços luminosos nestas páginas”, mas que passaram a pairar “na paz da eternidade”, passando a citar vários nomes, o primeiro deles o de Julieta de Melo¹⁸⁴.

Um breve editorial de nome “Nova escalada” marcou mais uma passagem de ano do *Corimbo*, no qual a editora declara que “com o 21 de outubro, mais uma vez vencemos a jornada, embora sem galardões”. Diz que o periódico ia “bordejando a fim de que não percamos o rumo”, pois “nossos mares são de séria responsabilidade”. Após traçar algumas considerações sobre o papel da imprensa, Revocata afirma que prosseguiria levando o *Corimbo* “sob a bandeira da perseverança e da fé”. Ao final, conclui, aproveitando a “data natal” para enviar “cordiais saudares aos amigos,

¹⁸³ CORIMBO, Rio Grande, out. 1936, nova fase, n. 415, p. 1.

¹⁸⁴ CORIMBO, Rio Grande, out. 1936, nova fase, n. 415, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

colegas e favorecedores”¹⁸⁵. A antiguidade do jornal trazia consigo uma espécie de institucionalização, tanto que chegou a haver referência ao “dia do *Corimbo*”, com a manifestação de muitas “demonstrações de amizade e apreço”¹⁸⁶.

Várias definições para o *Corimbo* são estabelecidas nos seus festejos de aniversário referentes ao ano de 1938. A redatora abre o editorial denominado apenas com a data em questão, dizendo que “a fragilidade aparente, nada tem com o querer íntimo”, de modo que “o *Corimbo* tem caminhado e lutado”, vindo a contar “decênios” e “também rosas e espinhos”, e, em suas colunas “penas de ouro têm deixado cair muitas de suas valiosas cisalhas”. O periódico é anunciado como “um romeiro que, modestamente trajado, há sido recebido e solicitado em verdadeiros templos de arte” e “sem que seja orgulhoso, gosta de procurar horizontes largos”, bem como “andar onde irradia a luz da ideia, onde lhe emprestem fulgores”¹⁸⁷.

De acordo com a proprietária, o jornal vinha se deparando com “entraves”, mas encontrara “acolhedoras alfombras, saturadas de perfume”, concluindo que na vida nem tudo sorri, ocorrendo ao menos alguma vez “o toque imperativo de um sofrimento”. Explica que o periódico “é uma particularidade da imprensa”, a qual “é uma lutadora infatigável”, recebendo “ovações e agruras”. Considera que “cada marco que consegue o pequeno obreiro plantar em seu passar pela vida é um desafogo, um contentamento, um

¹⁸⁵ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1937, nova fase, n. 425, p. 1.

¹⁸⁶ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1937, nova fase, n. 426, p. 1; 4.

¹⁸⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1938, nova fase, n. 437, p. 1.

raiar de coragem para prosseguir". A mágoa pela morte da "incansável e querida auxiliar" Julieta Monteiro não deixa de ser lembrada e, na saudação final, fica expresso que "o aniversariante deixa cair as flores de seu *Corimbo* às mãos de todos aqueles que por diversos gestos o ajudaram na faina"¹⁸⁸. No mês de novembro, mais uma vez eram registradas as felicitações¹⁸⁹.

Na passagem de 1938 para 1939 ocorreria outro problema na distribuição da folha, tanto que Revocata precisa novamente conversar com os favorecedores, afirmando que "confiada a direção do *Corimbo* na benevolência, no trato generoso de sempre, merecido da parte de seus assinantes", vinha a esperar "a mesma bondade, o mesmo cavalheirismo, para com a falta" do número "de dezembro, ocasionada por imperiosas determinadas razões". Em compensação, "para que não sejam de todo lesados, o número de janeiro apresenta um suplemento", com duas páginas extras. Diante do ocorrido, a diretora pede "infinitas desculpas"¹⁹⁰.

Algumas dificuldades também se fizeram sentir durante o ano de 1939, tanto que os bimestres de maio e junho e os de agosto e setembro acabaram reunidos em apenas dois números, perdendo o periódico nestas datas a sua circulação mensal. Apesar dos percalços, o periódico chegava ao seu aniversário referente a 1939 e a longevidade continuava a ser o ponto principal do editorial "Mais um passo de perseverança". A diretora da folha considera que estava "mais uma etapa

¹⁸⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1938, nova fase, n. 437, p. 1.

¹⁸⁹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1938, nova fase, n. 438, p. 4.

¹⁹⁰ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1939, nova fase, n. 439, p. 5.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

vencida”, de modo que “o *Corimbo* rejubila-se”, e, com “sua bagagem, conta trabalho de avultado tempo”¹⁹¹.

Para Revocata, a publicação, ao chegar ao seu “natal, olha para o passado e sente-se em lance de alegria e de mágoa”, esta última por ter perdido “uma de suas dedicadas e intemeratas lutadoras”, em nova lembrança de Julieta Monteiro. Adiante, a redatora afirma que o seu jornal “palmilha os mesmos caminhos, segue com os mesmos ideais de seu alvorecer”, com “uma força poderosa” no seu “sentir, que os temporais da vida não abalam”. Diz que “o *Corimbo* sente-se bem, quanto ao cumprimento do dever”, e, com certo pessimismo, destaca que a folha “vai sonhando, vai pensando nas claridades que lhe possam vir das mentalidades alheias”, pois ela mesma “vê mais sombras que luzes, e esforça-se para que a rota não desminta o passado”¹⁹². Na edição seguinte, apenas uma nota fala das “homenagens ao *Corimbo*”¹⁹³.

Chegava o alvorecer dos anos 1940 e o *Corimbo* prosseguia em sua jornada. A continuidade era uma grande conquista, mas as dificuldades continuavam a se manifestar. Mais uma vez teve de ser lançada a estratégia dos números conjugados, de modo que dezembro de 1939 e janeiro de 1940; e julho e agosto; e setembro e outubro de 1940 tiveram de compor apenas três números. Na primeira edição da nova década, a direção justifica estas falhas, com aviso que dizia “a nossos favorecedores rogamos toda a benevolência – sempre fidalga para conosco – pelas faltas incorridas”

¹⁹¹ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1939, nova fase, n. 445, p. 1.

¹⁹² CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1939, nova fase, n. 445, p. 1.

¹⁹³ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1939, nova fase, n. 446, p. 4.

pelo jornal, “quanto à sua publicação na devida ordem”. A editora explica que o ocorrido vinha de um “proceder involuntário”, de maneira que “incluímos nesta distribuição dezembro e janeiro”. Aparecia outro “pedido de indulto, por deixarem de fazer parte na ‘Resenha’ determinadas ‘notas’ que o atraso tornou inteiramente fora do tempo”¹⁹⁴.

O primeiro aniversário dos anos 1940 foi marcado pela manifestação de Revocata de Melo, ao considerar que “mais uma escalada, mais um caminho vencido é realmente motivo de satisfação, quando sabemos que no tirocínio da vida há tantos tropeços, há tantos tremedais inesperados”. Ao olhar para o distante passado, a diretora relata que no início do jornal fora “sua timoneira sob o calor da juventude, no primeiro despontar da mocidade”, quando se “lançou à luta pelos acidentados caminhos da imprensa”, apoiada pelo “grande espírito da irmã Julieta”, de maneira que “olharam ambas os levantes, desdenhando dos ocasos”¹⁹⁵.

A redatora revela que “houve não há dúvida um período de receio, mas a possante voz da mocidade, como alavanca decidida, deu ao *Corimbo* a face de uma elegante revista de letras”, que contou com colaborações de “intelectuais da época”, nomeando alguns deles. Ela menciona as diferentes fases do periódico durante todos aqueles anos de duração, mantendo-se “pelo entranhado

¹⁹⁴ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1939 e jan. 1940, nova fase, n. 447, p. 5-6.

¹⁹⁵ CORIMBO, Rio Grande, set. e out. 1940, nova fase, n. 453, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

culto pela adorável região das letras”, isso tudo, apesar de ser “um frágil obreiro da imprensa”¹⁹⁶.

O tema do natalício voltou a ser abordado em aviso “A nossos leitores”, com a explicação acerca da inclusão de vários textos em homenagem ao periódico, com a revelação de que “a alguns parecerá uma vaidade, ou imodéstia, a transcrição de vários belíssimos trabalhos”, diante do que a direção pedia aos leitores “a grandeza de sua nobre justiça, vendo no referido gesto tão somente um sincero testemunho de profunda gratidão, um indelével desvanecimento íntimo”. Destaca que, “com a visão da alma, vemos nos aludidos labores, de primorosa contextura, toda a generosidade de fidalgo milionário, a distribuir de seu filigranado escrínio, formosíssimas joias a quem não as tem”¹⁹⁷.

Mesmo com tanta consideração, o periódico continuava a enfrentar obstáculos, como ficou enfatizado numa “explicação necessária”, em que a redação fazia “saber aos benévolos e amáveis assinantes, bem como a seus colaboradores e leitores, que por motivo de alteração de saúde de sua proprietária e redatoria”, o jornal teria a sua “publicação suspensa por espaço de dois meses”. A redação esclarecia que “nada sofrerão, porém, os mesmos, em seus interesses materiais”, restando cobranças apenas para as assinaturas já encerradas¹⁹⁸. O aviso se confirmaria, e as edições só retornariam em maio de 1941.

¹⁹⁶ CORIMBO, Rio Grande, set. e out. 1940, nova fase, n. 453, p. 1.

¹⁹⁷ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1940, nova fase, n. 454, p. 1.

¹⁹⁸ CORIMBO, Rio Grande, dez. 1940, nova fase, n. 455, p. 4.

No retorno, a direção noticia que “reaparece o *Corimbo* na presente data, depois de um repouso de quatro meses, motivado por enfermidade de sua diretora”. Esclarece que, “embora não esteja de todo finda a aludida causa, não poucas vezes, o dever se impõe”, pois o periódico “conta para seu prosseguimento na luta de há muito, com a valiosa acolhida de tantos benévolos e generosos favorecedores, sempre a ampará-lo”. Também manifesta o desejo de que “os colaboradores não o deixem sem o fulgor de seu contingente”, bem como dirige “infinitos agradecimentos” pelo carinho recebido da parte de várias pessoas¹⁹⁹.

Os entraves continuavam firmes, tanto que as edições duplas se repetiram nos meses de julho/agosto e outubro/novembro, com a supressão das edições de setembro e dezembro. As folhas eram notificadas pela informação de que “continuando o estado de enferma da redatoria do *Corimbo*, algumas irregularidades na publicação do mesmo” seriam notadas, voltando a redação a garantir que nada sofreriam “os digníssimos assinantes em seus interesses materiais para com este quinzenário”²⁰⁰. A empresa tentava trazer algumas compensações como a elevação de quatro para seis páginas em algumas edições.

Mesmo diante de tantos obstáculos, o jornal chegava a outro aniversário, em 1941, com a publicação do editorial “Mais um marco vencido na jornada”, trazendo a completa ideia de continuidade. Nele

¹⁹⁹ CORIMBO, Rio Grande, maio 1941, nova fase, n. 456, p. 3.

²⁰⁰ CORIMBO, Rio Grande, jul. e ago. 1941, nova fase, n. 458, p. 6.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

Revocata relembra que o periódico “teve a íntima satisfação de voltar-se para os caminhos percorridos, sem ter uma censura da consciência”, não chegando a ter “uma face mais apurada, dessas que impressionam ao primeiro olhar, mas não desceu”. Ela garante que o jornal ficou “firme em seus propósitos”, compreendendo “que há muito espírito de conhecido valor, que o acolhe com carinho e consolador apreço”²⁰¹.

Segundo a editora, “os tantos decênios percorridos” deram ao periódico o “direito de prosseguir encorajado”, pois “o nobre meio rio-grandino e outros em vários centros do Estado o desvanecem com seu amplexo de honrosa simpatia e proteção”. Ao retomar a inspiração floral do título do jornal, a redatora afirma que naquela “data que o agita sensivelmente, desata de suas flores pétalas rubras e perfumosas”, de maneira a “deixar em mãos amigas e francas a darem-lhe carícias na vida espiritual e material”. Em seguida, a redação se referia às “homenagens ao *Corimbo*”, que seriam referentes tanto ao “natal deste nosso querido quinzenário”, quanto em memória de Julieta Monteiro²⁰².

Na mesma ocasião, uma nova notificação endereçada aos “nossos benévolos e extremamente atenciosos assinantes” diz que “ainda a enfermidade há sido causa poderosa de nossas faltas, quanto à publicação do *Corimbo*, nestes últimos meses”. Dessa forma, ficava a manifestação de que tudo era devido à

²⁰¹ CORIMBO, Rio Grande, out. e nov. 1941, nova fase, n. 459, p. 1.

²⁰² CORIMBO, Rio Grande, out. e nov. 1941, nova fase, n. 459, p. 1.

“confiança que temos na bondade sempre manifestada de nossos favorecedores”, de modo que “as desculpas aqui deixadas nos seriam duplamente penosas”²⁰³. A situação se agravava e, no início de 1942, era apresentada uma “nota de urgência”, segundo a qual novamente a redação vinha a “solicitar uma benévolas desculpa pelas faltas em que há ocorrido” o periódico, “por enfermidade de sua diretora”, bem como “pelo acidente ultimamente sofrido pela mesma”, que veio “a retê-la no leito por muitos dias”²⁰⁴. A edição dupla voltou a ocorrer com os meses de fevereiro e março e houve falhas de circulação nos meses de abril, julho, agosto, setembro e dezembro de 1942. Em outra ocasião, Revocata volta a citar “a estada que tivemos no leito, após um terrível acidente sofrido”²⁰⁵.

A penúltima comemoração de aniversário do *Corimbo* ocorreu em outubro de 1942, edição na qual a direção afirma que “embora em modesta jornada”, o jornal tinha atingido várias décadas “com energia fidalga, com perseverança dos que têm ideal rútilo”. Também era dito que “seus caminhos, por vezes ásperos, foram atestado eloquente de que a mocidade é uma força” e “uma vontade a impelir corajosamente para o marco sonhado”. Voltando a lembrar os tempos passados, a redatora explica que “suas fundadoras, então no viço da juventude, na quadra da vida em que tudo é uma esperança” e “falena de asas opalinas

²⁰³ CORIMBO, Rio Grande, out. e nov. 1941, nova fase, n. 459, p. 6.

²⁰⁴ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1942, nova fase, n. 460, p. 4.

²⁰⁵ CORIMBO, Rio Grande, fev. e mar. 1942, nova fase, n. 461, p. 4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

adejando dentre o despontar das ilusões e das crenças, não viam espinhos, não conheciam entraves". Entretanto, "mais tarde, no desdobrar de outras estações, foi-lhes dado conhecer quanto é rápida a mudança de horizontes"²⁰⁶.

Revocata de Melo garante que desde os primeiros tempos "a resolução estava firme e o *Corimbo* continuou a rota", permanecendo "sem atavios" e "merecendo joias, pérolas, de talentos altamente consagrados", de modo que "a marcha tem sido alimentada, não por vaidade, mas por um certo desvanecimento, ante a ideia de que tantos e tantos neste volver dos tempos, hão surgido prometedores e naufragado de pronto". Partindo do passado, a redatora chega ao presente, esclarecendo aos leitores que "hoje que sua diretora acha-se no ergástulo da saudade, olhando o dispersar das folhas do livro da existência", o jornal, "comovido, desata neste dia, suas mais significativas flores para aqueles que o protegem, que o procuram, que lhe dão viço e perfume"²⁰⁷.

Tal edição ligada ao natalício da folha ocorria depois de um trimestre de interrupção, tanto que a direção justifica, demonstrando esperança no futuro que "embora por determinados justos motivos tenha estado suspensa a publicação deste periódico", ele voltava a aparecer no dia do "seu aniversário e temos toda a crença de que continuará breve sua rota há tanto encetada"²⁰⁸. Mesmo assim, a redação informa que

²⁰⁶ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1942, nova fase, n. 464, p. 1.

²⁰⁷ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1942, nova fase, n. 464, p. 1.

²⁰⁸ CORIMBO, Rio Grande, 21 out. 1942, nova fase, n. 464, p. 4.

“passou o modesto aniversário do nosso quinzenário sob belíssimas demonstrações de estima e apreço”²⁰⁹.

Em 1943, houve falha na circulação no mês de abril, além de ter ocorrido uma edição dupla dos meses de agosto e setembro. Um novo aviso “a quem interessar possa” destaca que “ainda a enfermidade a interpor-se ao aparecimento do *Corimbo* em data devida” diante do que a direção aguardava “a costumada benevolência de nossos assinantes”²¹⁰. As falhas ficavam cada vez mais frequentes, e por causas diferentes, como o caso da “demora havida no aparecimento de nosso periódico”, a qual foi “devida à chegada de novo material para a empresa onde é o mesmo impresso”. Deste modo, gerava-se um atraso, que trazia uma defasagem no noticiário, diante do que era manifesta a expectativa de que “com a benevolência de sempre, será relevada a falta por nossos assinantes”²¹¹.

A última edição referente a um aniversário do periódico deu-se em outubro de 1943, ocasião em que Revocata de Melo, que em breve completaria 90 anos, publica o editorial “Mais um caminho vencido – 21 de outubro”. Após seis décadas de existência, a editora revela que “sem vaidade, sem ideia de louvor, nosso labor pela arena da imprensa periódica do Estado, é-nos possível dizer que o *Corimbo* tem sido um vencedor”. Retornando mais uma vez ao passado, afirma que “suas timoneiras, ainda na alvorada da vida, quando o pensamento é como a borboleta em seu constante giro”, promoveram “a viagem, crendo ser-lhe a rota, sob

²⁰⁹ CORIMBO, Rio Grande, nov. 1942, nova fase, n. 465, p. 3.

²¹⁰ CORIMBO, Rio Grande, fev. 1943, nova fase, n. 467, p. 4.

²¹¹ CORIMBO, Rio Grande, mar. 1943, nova fase, n. 468, p. 3-4.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

galernos ventos". Argumenta que "nem sempre assim tem sido", entretanto, "os decênios se têm desdobrado e o fragor de maiores temporais não o tem acossado", de maneira que "uma ou outra nortada o sacode um pouco, e passa"²¹².

A redatora faz questão de exaltar "o acolhimento público, bom, generoso, nobre", que "nunca tem deixado" a folha "em duras incertezas". Confirma que tinha lutado muito para manter o jornal, mas que o baque da perda da "adorada companheira insubstituível", em referência à irmã Julieta, tinha representado "a mais acerba de todas as lutas", dedicando-lhe "uma saudade imensa, eterna". Ao final, Revocata agradece aos colaboradores, que brindaram o periódico "com os expressivos frutos de sua formosa intelectualidade", aos impressores, aos colegas e imprensa e às pessoas e entidades que apoiavam a empresa²¹³.

O *Corimbo* chegava aos seus últimos instantes, mantendo as edições finais, apesar de todos os obstáculos, o maior deles ligado às condições de saúde da proprietária, tanto que voltava a ser apresentado um aviso de notificação que por "motivo de força maior, qual o de enfermidade", fora necessário "adiar matéria, que deveria vir na sessão" informativa, chamada "Resenha de notas"²¹⁴. A última edição apareceu em janeiro de 1944, na qual Revocata apresenta seu derradeiro editorial, intitulado "Ano novo":

²¹² CORIMBO, Rio Grande, out. 1943, nova fase, n. 473, p. 1.

²¹³ CORIMBO, Rio Grande, out. 1943, nova fase, n. 473, p. 1.

²¹⁴ CORIMBO, Rio Grande, out. 1943, nova fase, n. 473, p. 4.

Como tudo que não sofreu ainda, a passagem da esponja do tempo.

1944 chega aprumado, cores naturais, frisado, cheio de alegria, de esperanças! Só a passagem dos meses nos dirá que veio ele fazer.

Em nossa crença fará o mesmo que seus irmãos recuados.

Dias amargos para uns, bons para outros. O mundo no mesmo giro, sujeito aos fenômenos da natureza.

Os homens, dentre a mesma rotina, do mal e do bem.

Censurando hoje, o quanto irão aplaudir amanhã.

A evolução, o progresso, o avanço nas artes e nas ciências não conseguiram ainda novos moldes para o sentir da humanidade.

Mas, como. - Esperar!

É a legenda de sempre e esperemos mais ou menos pacientes, quanto der e vier...

A mocidade levanta castelos, sorri e caminha...

A velhice pensa e encontra sempre uma saudade, nos dias que passaram...

Ano novo, dá-nos horizontes claros e afasta sombras, que nos queiram envolver...

Felicidades aos amigos, colegas, colaboradores e assinantes!²¹⁵

Esse editorial trazia consigo uma mistura de esperança e receio diante do futuro, com o predomínio da paciência, pois só a experiência poderia trazer, a partir da percepção de que não era possível prever o

²¹⁵ CORIMBO, Rio Grande, jan. 1944, nova fase, n. 476, p. 1.

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

quanto de alegrias e tristezas estariam por vir e que só a partir da vivência de dia após dia seria possível constatar o que haveria de bom ou ruim pela frente. Há o contraste entre a mocidade e a velhice, trazendo uma reflexão muitas vezes repetida por Revocata, ao comparar o tempo da jovem que criara o *Corimbo* e o da anciã que garantira a sua existência por tantas décadas. Como fez ao longo de todo o tempo que seu jornal circulou, a editora não deixa nunca de lembrar daqueles que seriam o motivo do jornalismo - o público; e daqueles que contribuíam com a continuidade de sua folha - os apoiadores, colaboradores e demais jornalistas.

Apesar das incertezas, no texto prevalecia a clara intenção de persistir no caminho da publicação de seu periódico. Mas, mesmo que tenha manifesto o desejo de que os “horizontes claros” afastassem as sombras, tal vontade não se confirmou, pois se a última edição do *Corimbo* data de janeiro de 1944, alguns dias depois, em 22 de fevereiro do mesmo ano, morria Revocata Heloísa de Melo. Era uma senhora nonagenária, que passava por grandes dificuldades de saúde, mas, mesmo assim, não desistia de manter vivo seu projeto editorial, tanto que insistia em chamar a folha de quinzenário e justificar cada uma das falhas de circulação, como consequência da sua grande vontade de fazer com que as edições voltassem ao normal.

Ao longo do trabalho editorial do *Corimbo*, Revocata convive com profundas mudanças em sua cidade, em sua Província, que depois se transformou em Estado, em seu país e no mundo como um todo. Ocorreram guerras, revoluções, golpes, epidemias, entre tantos outros acontecimentos de grande gravidade;

enquanto isso, em termos privados, ela sofreu inúmeras perdas familiares, cada qual mais doída, a ponto de ficar praticamente sozinha. Mas a proprietária - diretora - redatora, sempre executando as inúmeras funções envolvidas na elaboração de um jornal, persistia, fazendo com que a folha sobrevivesse a muitos obstáculos.

Apenas na conjuntura da própria imprensa, enquanto edita o *Corimbo*, Revocata de Melo vê o fim da circulação de vários periódicos em diversas partes do país, muitos deles com os quais inclusive promovia intercâmbios. Só no contexto rio-grandino, observa o desaparecimento de jornais que não foram tão perenes como *A Atualidade*, o *Bisturi*, *O Brasil*, a *Cidade do Rio Grande*, o *Combate*, a *Comédia Social*, o *Correio Literário*, a *Democracia*, o *Diário de Notícias*, o *Eco Operário*, o *Estado*, o *Estandarte Cristão*, *A Evolução*, *O Fanal*, *A Férrula*, o *Jornal de Notícias*, *O Lábaro*, *A Lanterna*, *A Luz*, *A Razão*, *A Religião Espírita*, o *Rio Grande do Sul*, o *Rio Grande Ilustrado*, *O Trabalho Nacional*, *A Tribuna do Povo*, a *Tribuna Federal* e a *União Portuguesa*, os quais começaram a circular depois da existência do *Corimbo*, tendo sucumbido muitíssimo antes da folha literária (ALVES, 2005).

E mesmo aqueles periódicos que noticiaram o nascimento do *Corimbo* não conseguiram ir além dele. O *Comercial* deixou de circular em 1886, o *Diário do Rio Grande*, em 1910, o *Artista*, em 1912 e, finalmente, o mais duradouro, o *Eco do Sul*, que parou de ser publicado em 1934, ou seja, dez anos antes do fim do *Corimbo*. Com o desaparecimento do *Eco do Sul*, o periódico dirigido por Revocata passava a ser o mais antigo da imprensa rio-grandina, bem como permaneceu até o final de sua

A PENA E A PRENSA: ENSAIOS ACERCA DAS IRMÃS MELO

circulação como um dos mais antigos do Rio Grande do Sul.

Como pertencente à imprensa feminina, o *Corimbo* atingiu uma perenidade imbatível. A representativa duração do periódico teve na atuação de Revocata de Melo uma causa fundamental. Foi por meio de seu esforço e de sua persistência que, apesar de tantos empecilhos e falhas de circulação, o periódico conseguiu atravessar seis décadas. Houve mudanças de formato, periodicidade, número de páginas, entre tantas outras características, mas a essência permaneceu a mesma, ou seja, promover a divulgação literária e difundir o ideal da emancipação feminina.

As tantas matérias editoriais que Revocata registra nas páginas do *Corimbo*, objeto de estudo deste capítulo, trazem consigo as muitas reflexões que a redatora promoveu a respeito do jornal que orientava, aparecendo os momentos de entusiasmo com os avanços obtidos, mas também as várias decepções com os obstáculos que se colocavam à frente do caminho. Dos trinta aos noventa anos, Revocata Heloísa de Melo, como escritora, mulher e jornalista, atribuiu a si mesma o papel de cumprir um dever, conforme suas próprias palavras, mantendo acesa a chama das tantas batalhas que empreendeu. E isso realizou por meio do *Corimbo*, fazendo dele a sua voz, lutando fortemente, durante tanto tempo, para mantê-lo sempre vivo; não é para menos que diversos de seus editoriais tinham como palavra-chave a perseverança.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025

